



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**RISONEIDE SILVA DE ARAÚJO**

**ESCRITOS FEMININOS: UMA ANÁLISE DO SENSÍVEL NA REVISTA FLOR DE  
LIZ CAJAZEIRAS-PB (1920-1930)**

**CAJAZEIRAS-PB**

**2016**

**RISONEIDE SILVA DE ARAÚJO**

**ESCRITOS FEMININOS: UMA ANÁLISE DO SENSÍVEL NA REVISTA FLOR DE  
LIZ CAJAZEIRAS-PB (1920-1930)**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Graduação em Licenciatura em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

**Orientadora:** Profa. Dra. Rosemere Olimpio de Santana

**CAJAZEIRAS-PB**

**2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

A663e Araújo, Risoneide Silva de.  
Escritos femininos: uma análise do sensível na revista Flor de Liz  
Cajazeiras-PB (1920-1930) / Risoneide Silva de Araújo.- Cajazeiras,  
2016.  
73p.: il.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemere Olimpio de Santana.  
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2016.

1. Mulher - Cajazeiras - história. 2. Imprensa - Cajazeiras. 3. Flor de  
Liz - Cajazeiras. 4. Percepções femininas. I. Santana, Rosemere Olimpio.  
II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de  
Professores. IV. Título.

**RISONEIDE SILVA DE ARAÚJO**

**ESCRITOS FEMININOS: UMA ANÁLISE DO SENSÍVEL NA REVISTA FLOR DE  
LIZ CAJAZEIRAS-PB (1920-1930)**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Graduação em Licenciatura em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

**APROVADA EM:** \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Rosemere Olimpio de Santana (Orientadora)**  
**Universidade Federal de Campina Grande -CFP**

---

**Profa. Dra. Mariana Moreira Neto**  
**Universidade Federal de Campina Grande-CFP**

---

**Prof. Ms Leonardo Bruno Farias**  
**Faculdade São Francisco**

---

**Profa. Dra. Ana Rita Ulhe (Suplente)**  
**Universidade Federal de Campina Grande-CFP**

**CAJAZEIRAS-PB**

**2016**

Dedico a Deus e aos meus  
pais, pelo amor eterno.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida e pelo seu amor infinito.

Aos meus pais, que tanto amo e são as razões do meu sorrir, Francisco José da Silva e Maria de Fátima Araújo, por sempre me apoiarem, confiarem, acreditarem e por fazerem o possível e o impossível para a realização desse sonho.

Aos meus irmãos queridos, Josefa, Risonildo e Rodrigo, por sempre estarem comigo não apenas fisicamente, mas nos meus pensamentos.

Aos meus tios, que torcem pelo meu sucesso, Terezinha, Damião, Cicero, Antônio Neto, Valdemir e aos demais.

Sou grata pelo carinho do meu cunhado Antônio Júnior que tão gentilmente sempre me ajudou quando precisei. Ao meu Sobrinho Samuel, a sua chegada trouxe muita alegria para nossa família. À minha vovó, exemplo de carinho, respeito e afeto.

Sair de casa e viver em outros espaços pelos quais não estamos habituados não é fácil, mas outras pessoas surgem e se dispõem a ajudar. Assim, a minha permanência em Cajazeiras de imediato se deu graças a Francisca e família que me recebeu em sua casa e foram tão solícitos. A Júnior II, pela ajuda durante esses anos e a Padre Sérgio, pelas caronas e conversas na volta para casa.

A Ana Paula, Islany Kelvi, Jaqueline, Alexsandra e Aparecida, por terem me acolhido na Residência Universitária Feminina e fazerem parte da minha vida, além dos conselhos, risadas e ensinamentos. Aprendi muito com vocês.

Os meus dias, meses e anos de graduação foram marcados por afetos, carinho e dedicação. Tudo isso graças ao convívio com minha turma 2012.1 que, fora mais que uma turma, tornou-se uma família na qual levarei para sempre nos rastros do meu coração. Agradeço a Ranielton, Katiana, Laís, Ivanilda, Yan, Danilo, Lidiane, Guerhansberger, Walther, Rivânia, Amanda, Benicio e Luédna. Desejos a vocês muita sorte.

Agradeço também o carinho daqueles que iniciaram o curso, mas que por motivos diversos seguiram outros passos, pessoas pelas quais tenho grande admiração: Jheovanne, Talita e Adoniran. Agradeço às minhas companheiras de ensino médio, Fernanda Lima e Ana Lopes e ao primo Francisco Alves, por depositarem tanta confiança em mim.

Aos meus eternos professores sou grata pela dedicação, carinho e ensinamentos: Rosilene, Ana Rita, Valter, Lucinete, Mariana, Luiza de Marilac, Elzanir, Isamarc, Francinaldo, Viviane, Rodrigo Ceballos, Osmar, José Antônio, Silvana, Rosemere, Rubismar, Francisco Sales e Joachim Azevedo.

Aos meus mestres do ensino fundamental e médio, em especial a Maria José, minha professora do ensino fundamental I, pelo esmero, por segurar a minha mão e ver surgir os meus primeiros escritos. Agradeço ao professor Ival (*in memoriam*), serei sempre grata pelas palavras e afago.

A Ranielton, amigo, irmão de coração e companheiro de seminários. Para você poderia escrever diversas páginas de agradecimento, mas creio que tudo se resume ao muito obrigada, pelo afeto, amor e carinho. Amo-te muito, meu amigo!

Agradeço grandemente a Katiana, pela confiança, amizade, por compartilhar tantos momentos em sala de aula e na RUF e, dividir comigo alegria, angústias e choros. A escrita da monografia tornou-se mais prazerosa, pois sabia que você estava ao meu lado e poderia contar no que fosse necessário, te amo muito Kate! Agradeço a Rodrigo, pela paciência que teve com Katiana e por sempre crer que daria tudo certo na nossa pesquisa.

A Ivanilda e Laís, pelos conselhos, abraços e por fazerem das minhas manhãs bem mais leves.

As meninas do quarto quatro que foram muito mais que amigas, colegas ou algo parecido, mas que se tornaram como anjos na minha vida, compartilhando conversas, carinho, afago, discussões e muito companheirismo. Sou grata a vocês: Rosa das Neves, pelas risadas, puxões de orelha e ao carinho que sempre teve para comigo e as conversas tão agradáveis; a Jani, pelo seu jeito meigo, doce e sincero de ser e transmitir tanta paz; a Maiza, pelos conselhos, amizade, cumplicidade, parcerias e tantos outros momentos no qual teria que escrever diversas páginas, mas você sabe o carinho que tenho por ti, obrigada por acreditar; a Raquel que mesmo conhecendo a pouco tempo tornou-se muito especial. Amo muito vocês meninas e levarei todas para sempre no meu coração.

Ao PIBID por me proporcionar um rico aprendizado e possibilitar a minha formação e identidade docente. E aos meus companheiros que atuaram comigo no subprojeto de História: Daniela, Danilo, Suzyanne, Alex, Maiza, Jéssica, Marleide, João Kaio, Bruno, Pedro Felipe, Maria, Izabel, Thiago, Jucicleide, Paulo Sérgio, Clairton, Roberto, Joedna e Amanayra. Agradeço aos supervisores Séfora e, em especial, a Jefferson pelo apoio e amizade durante a minha atuação na escola Dom Moisés Coelho. E a todos os alunos da referida instituição pelas experiências vivenciadas.

A todos os residentes da RUF e RUM, pelos os anos de convívio.

Aos funcionários da UFCG/CFP, pelo zelo, carinho, respeito e conversas, Dona Nenê, seu Gilberto, Geraldo, Perobinha e, em especial, ao seu Julimar, por suas palavras de otimismo e aos demais que foram pessoas presentes no meu cotidiano durante esses anos.

A minha Orientadora Rosemere Olimpio de Santana, por ter sido tão constante durante esses anos de PIBID, estágios e orientações. Obrigada, pelo afeto, carinho e confiança.

A todos que contribuíram para a realização deste sonho e alegram-se com a minha conquista, sintam-se agradecidos!

*“Recuperar sensibilidades não é sentir da mesma forma, é tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de um outro tempo pelos rastros que deixou”.*

Pesavento (2007)

## RESUMO

A Revista *Flor de Liz* circulou na imprensa cajazeirense durante os anos de 1926-1937, nela eram abordados os diferentes aspectos do cotidiano, tais como: família, religião, educação, comportamentos, cuidados com o corpo, beleza e moda. Nesse sentido, o presente trabalho buscou compreender a partir da história das sensibilidades as experiências vivenciadas por mulheres da elite de Cajazeiras-PB, durante as décadas de 1920-1930. Para tanto, analisamos, a partir dos escritos femininos e das imagens fotográficas contidas no periódico, aspectos presentes na sociedade e suas formas de uso pelas mulheres, entendendo percepções, vontades, aflições, escolhas e emoções. Para dar embasamento teórico à pesquisa, tomamos como base os autores Pesavento (2007), Corbin (2005) e Langue (2006), dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres. Revista Flor de Liz. Moda. Fotografia.

## ABSTRACT

The web magazine *Flor de Liz* circulated in the cajazeirense press during the years of 1926-1937, in its the different aspects of the daily were approached, such as: family, religion, education, behaviors, cares with the body, beauty and fashion. In this sense, the present work looked for to understand starting from the history of the sensibilities the experiences lived by women of the elite of Cajazeiras-PB, during the decades of 1920 -1930. Therefore, we analyzed, starting from the feminine writings and of the photographic images contained in the newspaper, present aspects in the society and their use forms for the women, understanding perceptions, desires, afflictions, choices and emotions. To give theoretical background research, we take as a basis the authors Pesavento (2007), Corbin (2005) and Langué (2006), among others.

**KEYWORDS:** Women. Web Magazine Flor de Liz. Photograph.

## LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 01: Anúncio do medicamento Elixir de Nogueira.....	29
IMAGEM 02: Anúncio do medicamento Cafiaspirina .....	29
IMAGEM 03: Senhorinha Maria do Céu Silva, capa da revista Era Nova.....	37
IMAGEM 04: Senhorinha Mundinha Coelho.....	50
IMAGEM 05: Dona Joaquina Freire.....	55
IMAGEM 06: Senhorita Elita Cabral.....	57
IMAGEM 07: Dona Rosinha Tavares.....	61
IMAGEM 08: Fortunata Assis.....	61
IMAGEM 09: Senhorita Adazgisa Reis.....	62
IMAGEM 10: Senhorita Turquinia Albuquerque.....	62

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1. O DESABROCHAR DE UMA FLOR: A IMPRENSA FEMININA EM CAJAZEIRAS (1920-1930).....</b>	<b>17</b>
1.1 A imprensa feminina como uma expressão do sensível .....	17
1.2 Saberes escritos emoções vividas: refletindo a Flor de Liz .....	23
1.3 A beleza na “Flor” e os ícones do moderno.....	27
<b>2. A MULHER E A MODA: SOCIABILIDADES E VIVÊNCIAS EM CAJAZEIRAS DOS ANOS 20-30 .....</b>	<b>33</b>
2.1 Artíficos da beleza: o fazer-se bela na revista .....	33
2.2 A roupa enquanto experiência sensível .....	39
2.3 Corpo e beleza: sensibilidades femininas em Cajazeiras dos anos 20 e 30 .....	43
<b>3. ROSTOS NA MODA: IMAGENS DE SI COMO POSSIBILIDADE PARA O SENSÍVEL .....</b>	<b>52</b>
3.1 Imagens fotográficas na Flor de Liz: corpos e expressão visual .....	52
3.2 Rostos femininos na Revista Flor de Liz .....	59
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>69</b>

## INTRODUÇÃO

Ao mergulharmos na pesquisa sobre aquilo que nos inquieta, muitas vezes, somos desafiados a perceber detalhes que para muitos passam despercebidos; estudar sensibilidades é algo desafiador, porém apaixonante. Sabemos que no decorrer dos séculos nas mais diferentes sociedades com seus ritmos, práticas e formas de fazer, os sujeitos constituíram suas identidades, estas perpassadas por sensações como: medo, desejo, angústias, amor, raiva, certezas e incertezas. Assim ao percorrer o caminho do sensível, o nosso olhar segue nas brechas deixadas por homens e mulheres na tessitura de cada sujeito, que viviam e sentiam cada lugar da cidade de forma diferenciada, com suas particularidades. Como afirma Languette (2006, p.28) “a apreensão pelos sentidos não pode ser homogeneizada, reduzida a um sentido único”.

Desse modo, podemos compreender que os sentidos são múltiplos e não devemos nos limitar apenas a uma única experiência para explicar um dado acontecimento. Para adentrar em espaços desconhecidos do sensível, somos impulsionados por questões atuais nas quais nos levam a pensar sobre o cotidiano de homens e mulheres, extraindo o máximo do que a fonte pode nos possibilitar.

Até chegar ao tema desta pesquisa percorri um longo caminho, esse percurso permitiu a minha aproximação com a fonte. O primeiro contato que tive com a Revista Flor de Liz foi motivada por desejos acadêmicos, em 2013 o Núcleo de Documentação Histórico Deusdedit Leitão que faz parte da UFCG/CFP abriu seleção para alunos voluntários, no qual tinha como meta formar um acervo digital e entre os documentos presentes para serem digitalizados a revista seria um deles. O interesse foi imediato, mas infelizmente não pude concorrer à vaga, pois já estava fazendo parte de outro projeto da instituição. Contudo, mesmo assim, me fazia alguns questionamentos: Quem escreveu essa revista? Como funcionava? Quanto tempo durou? Essas inquietações ficaram por um bom período, porém depois foram esquecidas.

Posteriormente, na disciplina “Projeto I” tive que escolher uma temática para pesquisar, assim foram surgindo as inúmeras possibilidades. Porém, os assuntos referentes às relações de gênero sempre me despertaram interesse, pois sempre gostei de problematizar como os comportamentos entre os sujeitos são construídos historicamente e como algumas questões ainda se fazem presentes em nossa sociedade. Assim, percebi que essa temática era desafiadora, mas permitiria compreender e ter uma visão de mundo sobre outro ângulo. Portanto, ao ter que escolher a fonte na qual deveria pesquisar, resolvi trabalhar com a Revista

Flor de Liz. No decorrer dos semestres outras possibilidades foram surgindo, em 2014, a convite da minha Orientadora, fui chamada para participar de um grupo de estudo, nele discutíamos textos referentes à história das mulheres, relações de gênero e sensibilidades.

Desse modo, conheci as possibilidades de pesquisar sobre a história das sensibilidades e resolvi atrelar a mesma à minha fonte, surgindo novas perspectivas de análise. Portanto, esse trabalho visa compreender através dos escritos femininos presentes na Revista Flor de Liz, como as mulheres da elite cajazeirense vivenciavam e sentiam-se sensibilizadas nas mais variadas situações, entre elas nos usos da moda, beleza e cuidados com o corpo feminino. Assim as análises tornaram-se possível a partir do Periódico, este surgiu em 1926 sendo escrito por mulheres da elite e teve sua circulação na imprensa Cajazeirense por um período de onze anos, alcançando outros espaços e não se restringindo apenas a cidade de Cajazeiras-Paraíba.

Ao analisarmos as publicações na revista e ao pensarmos o cotidiano de homens e mulheres é preciso ficar atento, pois em inúmeras vezes queremos retomar um passado no qual não vivemos e não experimentamos da mesma forma, pois somos transcorridos por sentimentos atuais.

Ao trabalhar com periódicos, alguns cuidados devem ser tomados para nos nortear no trato com o documento. Amparados nas discussões de Luca (2006, p.141), a mesma afirma que “a variedade da fonte imprensa é enorme e as suas possibilidades de pesquisa são amplas e variadas. Assim, não é viável sugerir um procedimento metodológico ou técnicas de pesquisa que deem de conta de tantas possibilidades”. Sendo assim, a autora aponta que não existe uma técnica específica ou detalhada na pesquisa com periódicos, ela dá algumas sugestões. Segundo Luca (2006) um dos primeiros passos seria localizar a fonte, depois averiguar as condições oferecidas para consulta, sendo que as dificuldades seriam o péssimo estado de conservação e a obtenção de longas séries completas.

Ao nos apropriarmos da fonte, escolhemos para análise os escritos dessas mulheres e imagens que pudessem nos possibilitar um estudo sobre o sensível na revista. Pesavento (2007, p. 19) afirma que “toda experiência sensível do mundo, partilhada ou não, que exprime uma subjetividade ou uma sensibilidade coletiva, deve se oferecer à leitura enquanto fonte”, possibilitando a análise da concepção de uma determinada época.

Para tanto, motivados pelas nossas inquietações atuais, ao entrar em contato com a fonte levantamos nossos questionamentos: Como era viver em Cajazeiras na década de 1920-1930? Quais os comportamentos presentes nesse contexto? Como as mulheres escreviam e sobre o que elas escreviam? A partir de todos esses questionamentos, percebermos como vão

surgindo com a escrita os usos e abusos da moda. As imagens fotográficas também nos possibilitam compreender como é possível analisar uma linguagem visual, na qual permita ver não o retrato, mas as intencionalidades das escolhas e os gostos que levavam as mulheres a divulgar suas imagens no periódico. De tal modo, auxiliados em Mauad (1996, p.11), podemos refletir a partir dos usos da imagem que “a fotografia deve ser considerada como produto cultural, fruto de trabalho social de produção signíca”. Desse modo, a autora aponta que “dentro dessa perspectiva, a fotografia pode, por um lado contribuir para a veiculação de novos comportamentos e representações da classe que possui o controle de tais meios”, através da educação do olhar.

Portanto, a imagem fotográfica a partir do nosso olhar pode nos proporcionar inúmeras análises, trazendo em sua produção experiências e detalhes de um período que podem ser questionadas e problematizadas como, por exemplo, a partir dos usos da época, a moda, na qual permite analisar os indícios de um período que são fragmentadas a partir das imagens fotográficas.

Pretendemos nesse trabalho perceber os sentidos vivenciados pelas mulheres da elite Cajazeirense, seus espaços, os cuidados com a casa e os filhos, os usos da moda, refletindo os mesmos como lugares do sensível. De acordo com Certeau (1997), pensamos esses lugares como espaços de produção, neles os sujeitos podem vivenciar no seu cotidiano as mais variadas experiências e assim no contato com o outro, nos seus relacionamentos e apropriações, possibilitar novos olhares para percebermos como os sujeitos utilizam determinados artifícios para vivenciar um dado momento.

Para discutirmos sobre as sensibilidades e facilitar nossas análises teremos como base Pesavento (2007), Corbin (2005) e Langue (2006). Estes estudiosos da história das sensibilidades nos possibilitará, desse modo, perceber como se constituíram ao decorrer dos escritos da revista os sentidos, as formas de viver e de se colocar enquanto sujeitos que vivenciaram essas décadas. A partir do corte de cabelo, dos usos de determinada indumentária e as imagens que estão expostas nela, podemos pensar e problematizar as experiências dessas mulheres da elite.

É importante percebermos que nesse contexto dos anos 1920-1930, alguns signos do moderno se fizeram presente na cidade de Cajazeiras-PB, sejam na roupa, nas construções ou na chegada da luz elétrica. É nesse meio que os sujeitos se relacionam e a revista surge com o objetivo de transmitir e divulgar um pouco as ideias do progresso da cidade de Cajazeiras para as demais localidades. Assim ao escrever sobre a vida cotidiana, os afazeres domésticos, os

cuidados com o corpo, a educação dos filhos, a honra do marido e também a divulgação da fé católica.

A partir de tais considerações, o presente trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro é intitulado **O DESABROCHAR DE UMA FLOR: A IMPRENSA FEMININA EM CAJAZEIRAS (1920-1930)** que traz uma discussão sobre como as mulheres pertencente à elite Cajazeirense escrevia na revista e como esta estava tornando-se mecanismo de expressão para levar os avanços da modernidade para as diferentes localidades da Paraíba do Norte. Portanto, percebendo também ao decorrer da escrita como os produtos apresentados na revista tornam-se possíveis de serem analisados a partir do momento que problematizamos as formas como eram as apropriações dos mesmos por homens e mulheres. Assim, buscaremos dar visibilidade aos interesses das escritoras e perceber como estes eram perpassados por questões religiosas, por educação, moda, regras de conduta, higiene e cuidados com o lar.

Dando continuidade às leituras do sensível e refletindo sobre como essas mulheres se apropriam de mecanismos presentes na sociedade cajazeirense, apresentamos o nosso segundo capítulo o qual se intitula **A MULHER E A MODA: SOCIABILIDADES E VIVÊNCIAS EM CAJAZEIRAS DOS ANOS 20-30**. No cenário no qual a cidade está emergindo a revista vem tratar de diferentes aspectos, mas no decorrer desse capítulo apresentamos alguns que se fazem presente na revista com maior ênfase e buscamos como possibilidade de análise a moda, os cuidados com o corpo e o ideal de beleza que estão presentes no periódico. Desse modo, percebemos como aos poucos se constituiu um ideário do que é ser bela dentro dos padrões morais, vale ressaltar os cuidados higienistas que estão atrelados ao corpo e este relacionado ao belo. Nesse sentido, analisamos como o discurso do moderno ora é apropriado por essas mulheres como perigoso, ora é discutido como positivo desde que seja orientado por uma moral religiosa.

No terceiro capítulo **ROSTOS NA MODA: IMAGENS DE SI COMO POSSIBILIDADE PARA O SENSÍVEL**, utilizamos fotografias femininas que aparecem no corpo do texto como uma possibilidade para se compreender o sensível, buscando por meio dos retratos analisar como as mulheres da elite se apropriavam e faziam suas escolhas das imagens para serem divulgadas no periódico e adentrar outros espaços que não estavam restrito apenas ao privado. Além disso, compreender um pouco sobre as experiências das mulheres na *Flor* e refletir também como a moda torna-se possibilidade para essa discussão a partir dos seus usos, ou seja, perceber as fotografias não apenas como mera ilustração, mas direcionar os nossos olhares para outros indícios que no cotidiano passam despercebidos.

## **1. O DESABROCHAR DE UMA FLOR: A IMPRENSA FEMININA EM CAJAZEIRAS (1920-1930)**

### 1.1 A imprensa feminina como uma expressão do sensível

Em meio às flores que brotavam no Sertão eis que uma desabrocha e sua beleza é destaque em meio a tantas que ali se faziam presentes. O que tem de tão belo nessa flor? Sua essência exalava pelas ruas, praças e lares, tomando rumos e grandes proporções na cidade de Cajazeiras-PB, no final dos anos de 1920 a flor é apresentada em jarro pomposo. Essa flor se refere ao surgimento da imprensa feminina em Cajazeiras na qual as capas dos periódicos mensalmente ilustrados recebera por título o nome “Flor de Liz”, fundada em 1926 por mulheres pertencentes à elite cajazeirense e fazendo parte da A.S.C.F. (Ação Social Católica Feminina). Essas jovens “senhoras e senhorinhas” expressavam na revista formas de ver essa sociedade, colocando seus costumes, vivências e desejos atrelados a um ideal de mulher presente nesse período.

A imprensa feminina cajazeirense aos poucos torna-se mecanismo de expressão para que suas escritoras pudessem expor um pouco do seu cotidiano e assim levar para os lares todo o contexto de fé e sensações. A revista permitia uma forma de colocar-se, dando visibilidade a essas mulheres e, principalmente, aos seus interesses que em sua maioria eram perpassados por questões religiosas, educação, moda, regras de conduta, higiene e cuidados com o lar.

Ao falar sobre a imprensa feminina, vale salientar de acordo com Coben (2011) que “no âmbito das chamadas revistas ilustradas, o segmento especificado destinado às mulheres se destaca”, ainda que “nascidas para divulgar literatura e moda, as revistas femininas brasileiras tinham tradição desde a segunda metade de século XIX”. Portanto, percebemos de acordo com o supracitado que as revistas femininas objetivavam expor os costumes de quem as escrevia, sendo que os mesmos eram enaltecidos de acordo com as experiências de um determinado grupo. Reforçando a ideia da autora, poderíamos acrescentar que além do desejo por divulgar literatura, moda, romances, entre outras manifestações, os periódicos eram um mecanismo de expressão, na qual as mulheres levavam na sua escrita algo subjetivo e ao mesmo tempo tornava-se um sentimento compartilhado, pois ao narrar o fato presente nos periódicos essas mulheres estavam expondo suas maneiras de sentir, fazendo de tal modo “um

movimento de dentro para fora”<sup>1</sup>, ou seja, demonstrando questões que decorriam no espaço do privado e tornava-se público.

Sobre a imprensa feminina no Brasil, Sabino (2015, p. 178) nos aponta que ela surgiu sob a justificativa de entreter, trazendo conteúdos sobre moda, beleza comportamento e culinária que, além de estimular o consumo, (...) era carregada de intencionalidades. Na Paraíba não seria diferente, com o surgimento de algumas revistas, mesmo estas não recebendo o título de revista feminina, traziam em seus conteúdos assuntos referentes ao lar, a exemplo a “Era nova” na qual fora publicada na década de 20 e que objetivava levar um ideal de progresso no qual o país estava vivendo e informações referentes ao papel da mulher. Nesse contexto de mudanças na conjuntura do país é importante percebermos a atuação da imprensa e sua criação em outras regiões, uma vez que essa começa a propagar hábitos e transformações do moderno. Desse modo, na cidade de Cajazeiras-PB, localizada no alto sertão paraibano é criado um periódico que tinha entre os objetivos espalhar a fé, os avanços e os costumes frequentes nessa localidade.

Desta forma, pensar a escrita dessas mulheres cajazeirenses é pensar seus espaços de produção, os lugares e também a possibilidade de discorrer como essa imprensa poderia se apresentar na cidade de Cajazeiras. Ao escrever sobre as formas de vivenciar os lugares na Revista Flor de Liz as escritoras acabavam demonstrando um pouco sobre como era a cidade nos finais dos anos 20 e início dos anos 30, demonstrando assim os costumes presentes no cotidiano, relacionado ao ideal de progresso que era divulgado na revista. Tudo isso faz com que possamos repensar como os espaços que eram apropriados e vivenciados por homens e mulheres e, principalmente, como o moderno estava se apresentando na cidade enquanto o lugar do “novo”<sup>2</sup>.

Essa preocupação com o avanço da revista torna-se visível em algumas das edições, entre elas a de maio 1927, na qual o (a) autor (a) do artigo assina por A.S. O (a) mesmo (a) relata a seguinte informação:

Flor de Liz, defendendo, como defendo, a causa de Deus e o avanço da civilização, há de preparar um ambiente puro, onde haja muito ar e brilhe muita luz, um meio em que os sentimentos de sociabilidade do sertanejo se aperfeiçoem, a Imprensa encontre um novo campo, a mocidade beba mais idéias, a mulher ache um escudo para suas aspirações e Deus corações onde viva, reine e impere. [...] Flor de Liz há de crescer e muito há de realizar um

<sup>1</sup> BURITI, Iranilson. Leituras do sensível: escritos femininos e sensibilidades médicas no segundo império. 2011. p.12

<sup>2</sup> MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. Signos em confronto: o arcaico e o moderno na Princesa (PB) dos anos vinte. 1999, p.06

paradoxo, pelo menos na História da Paraíba, porque será a vanguarda de um movimento de progresso partindo dos sertões para o litoral (FLOR DE LIZ, Ano I, Nº 6, Maio de 1927).

O artigo nos permite refletir algumas questões equivalentes ao processo de modernidade e como o surgimento da imprensa possibilitou levar as informações do Sertão para as demais localidades como, por exemplo, para o litoral, assim a Revista Flor de Liz nos mostra sobre o progresso e esse poderia ser divulgado com o avanço da imprensa. Nesse sentido, expondo para os leitores o uso das novas práticas modernas, como: o cinema, clube, esporte, luz elétrica, entre outros que se faziam presentes nesse período, assim como também seus ideários de religiosidade, família, trabalho e cotidiano da cidade. Em meio à exposição do artigo algo que nos leva a questionar é o anonimato presente na maioria das colunas da revista, assim questionamos: Qual o receio ou motivo de não assinar o nome ao final de cada artigo?

Ao trabalhar sobre jornalismo e literatura no século XIX na Paraíba, Barbosa (s/d, p.17) discute que essas questões nos mostra que o anonimato e o uso do pseudônimo não foram prerrogativa dos escritos políticos, mas um modo de escrever, próprio da época. Para tanto, percebemos que essa prática não ficava restrita apenas ao final do século XIX, mas se estende para as primeiras décadas do século XX, isso se torna visível na Revista Flor de Liz, na qual boa parte das edições aparece apenas algumas iniciais. Ainda segundo Barbosa (s/d, p.17) vários textos dos mais variados gêneros foram publicados e os mesmos não continham os nomes dos autores, muitas vezes tinham apenas iniciais, símbolos ou sem nenhuma identificação.

Nesse sentido de manter o anonimato, a autora aponta que “esse artifício também é utilizado pelas mulheres que publicaram nos jornais paraibanos e que não desejavam ter seu nome conhecido”. Percebemos que essas características estão presentes na Revista Flor de Liz e o motivo que levava esse anonimato podia ser os mais diversos, entre eles podemos especular o desejo pessoal do (a) autor (a) de não deixar ser reconhecido (a), como também o receio de muitos sujeitos, a exemplo, as mulheres que poderiam temer a receptividade da sua escrita pela sociedade na qual estavam inseridas, isso envolve questões sociais e culturais da época.

No que fomenta as instruções das mulheres na revista e os avanços da sociedade é importante perceber os periódicos como mecanismos de instrução, tendo em vista que a revista era formada pelo grupo da A.S.C.F, que traziam em seus conteúdos um ideário de família e padrões morais. No entanto, é relevante analisarmos que essas discussões sobre

família, conduta e moral, não se faziam presentes apenas com a *Flor de Liz* em Cajazeiras na década de 1920-1930, eram debates que estavam em circulação em outros impressos na Paraíba, a exemplo podemos citar o jornal *A Imprensa* no qual trazia em algumas de suas colunas artigos escritos por mulheres pertencentes ao núcleo Noelista<sup>3</sup>. Esses textos, segundo Gomes (2015, p.06), “possibilitavam compreender debates acerca do cotidiano familiar que reportam os principais dilemas do período como: virgindade, matrimônio, trabalho, maternidade, etc.” Nesse sentido, notamos que esses discursos tornavam-se frequentes, divulgar isso na imprensa seria para as noelistas uma estratégia para a manutenção dos princípios conservadores, pautados assim, na restauração da fé cristã que em suma sofria ameaças devido os processos de modernidade.

As formas de sociabilidades na Paraíba do Norte dos anos de 1920 e 1930, pautadas por sujeitos e intencionalidades nos espaços vividos seja na cidade ou no campo, eram perpassadas por interesses diversos. Entre esses sujeitos que vivem e sentem essa Parahyba estão as mulheres que numa sociedade marcada pelo patriarcalismo, o homem era considerado a figura central tanto para o desenvolvimento econômico como o provedor do lar. É nesse cenário que as mulheres cajazeirenses pertencentes às elites vão tomando destaque com a propagação da imprensa feminina, assim como coloca Silva (2000), não existiu nesse período uma imprensa feminina restrita ao termo na Paraíba o que existia talvez fosse mulheres escrevendo para os periódicos tendo um público em geral. No entanto, contribuindo para a formação de uma imprensa que mantinha características femininas.

Vale ressaltar que a imprensa é uma instituição que de acordo com Coben (2011) está inserida no Brasil desde o século XIX, para tanto é nessa primeira metade do século XX que a imprensa feminina cria destaque com suas revistas ilustradas.

A imprensa brasileira surge assim como um órgão que interfere em vários aspectos da vida, seja no cotidiano das pessoas intervindo nas formas de agir, atuar e se comportar diante da sociedade. Para Luca (2011, p.150-151) a imprensa tem suma importância para a divulgação e apropriação desses espaços e o discurso publicitário, peculiar às cidades modernas, articulavam-se as demandas da vida urbana do início do século XX no que diz respeito à imprensa dos periódicos, transformando-se numa fonte essencial de recursos. Dentro da conjuntura moderna a imprensa torna-se órgão de grande valia enquanto semeador de valores morais, religiosos e políticos.

---

<sup>3</sup> GOMES (2015, p.06) afirma que o núcleo Noelista na Paraíba é uma ramificação do movimento “le Noel” que originou-se na França no final do século XIX, através do padre Paul Bailly e do fundador do movimento e também padre Claude Allez. O movimento foi criado dentro do contexto de reorganização da Igreja Católica (o processo de romanização) que tinha como principal objetivo combater os aspectos desviantes da modernidade.

Segundo Silva (2000, p. 18) “a palavra imprensa que ocupa a ausência do passado institui lugares do presente, registrando olhares que observam e tentam recortar instantes desde movimento de elaboração da cidade, procurando não só organizá-los, retendo-os, mas também conferir-lhes sentidos e legitimações.” Assim, podemos visualizar que dentro da conjuntura na qual a imprensa estava inserida as funções que a mesma objetivava entre elas como já fora citado, influenciar na afirmação dos papéis sociais.

Mediante as inquietações que surgem sobre o funcionamento da imprensa feminina algo que nos leva a questionar: Como seria ser mulher no início dessas primeiras décadas? Quais os sentidos eram vivenciados por homens e mulheres? E os olhares? Vale salientar que os periódicos, a exemplo as revistas poderiam ser mensalmente ou semanalmente publicadas, objetivando entre tantas outras coisas passar para os (as) leitores (as) como era vivenciada os anos 1920 e 1930 do século XX, sobretudo percebermos o intuito de transpassar para a sociedade como seria os hábitos de higiene, comportamento e como manter-se dentro dos bons costumes.

Partindo desses pressupostos percebemos que a imprensa tinha um controle sobre os comportamentos e um olhar disciplinador sobre a cidade, levando em conta que nesse contexto existia uma multiplicidade de sujeitos que amavam e sentiam, desejando vivenciar esses espaços.

De acordo com Cipriano (2002, p.02) é nessas primeiras décadas que a presença feminina ganha mais visibilidade nos espaços públicos, o que explicita toda uma preocupação dos moralistas, dos religiosos, dos higienistas e dos juristas com a mudança dos costumes morais e com os desvios da fidelidade feminina. Sendo assim, é imprescindível percebermos que nessas décadas e com as mudanças ocorridas envolvendo vários aspectos, sejam eles morais políticos e religiosos, a imprensa seria uma maneira de resgatar os bons costumes, para tanto perceber as revistas como um órgão não apenas de manutenção da moral, mas pelo viés disciplinador e carregado de sensibilidades.

As informações relatadas perpassam o campo da notícia, para isso é relevante enxergar, ou melhor, compreender esse espaço de opiniões como meio de manutenção dos princípios que eram empregados no que diz respeito ao comportamento feminino, tais como a ordem, a mora, e os bons costumes. Desse modo, é importante refletirmos sobre os padrões morais e as condutas postas ao feminino, assim como aborda Cipriano (2002), um dos principais temas entorno dos impressos, sejam eles os jornais ou revistas, estavam voltados para os princípios de moralização.

É de suma importância perceber as visibilidades presentes nesse contexto e como esses escritos contribuíram como forma de determinar um padrão colocado pela sociedade paraibana. Os impressos periódicos que surgiram na Paraíba nessas décadas foram “Era Nova” e “A Ilustração” (SILVA, 2000).

Dentro desse contexto, a imprensa paraibana tomava rumos disciplinadores, pois ao tempo que discute questões em torno do moderno e as formas como o mesmo é vivenciado, também aponta os perigos para os comportamentos das mulheres. Ressaltamos que numa sociedade perpassada por interesses patriarcais, na qual o que não estivesse dentro dos modos almejados pela mesma seria considerado como errado, condenado e reprimido, *Flor de Liz* também traz discursos voltados para modos de ser e viver; percebemos que ao mesmo tempo em que ela expressa gostos tenta implantar os seus desejos de civilidade.

Ao falarmos dos periódicos que surgiram durante essas décadas do século XX, percebemos que os mesmos assumem um papel relevante enquanto mecanismos de expressão da sociedade paraibana, pois estavam sendo uma forma de levar informações para as mais variadas regiões dentro desses lugares. Possibilitar ver esses espaços enquanto lugares de convivência e expressão do moderno, Coben (2011, p. 113) nos questiona a refletir sobre essa imprensa de acordo com as informações:

[...] Nesse quadro, destacou-se como temática de prestígio o viver urbano. Recomposto na crônica, o cotidiano tornava-se um retrato ameno da vivência social. Ainda que seja difícil aferir a recepção dessa imprensa, é possível afirmar que ela constrói e dá sentido à complexidade do real, atribuindo valores positivos ou negativos ao momento vivido. Assim, a produção do espaço urbano assume nas publicações um papel expressivo, a medida em que materializa o almejado “progresso”, modificando em hábitos, costumes e estilos de vida.

Ao refletirmos sobre a imprensa Paraibana é de suma importância dar visibilidade aos escritos nos quais perpassam não apenas os interesses urbanos, mas os diversos discursos sobre o feminino e sua conduta.

A imprensa na sua intencionalidade mantinha um papel de interferir na opinião do público e nesse cenário das primeiras décadas do século XX, os jornais assim como as revistas também tomavam rumos importantes para divulgar as notícias referentes ao progresso. Em Cajazeiras, alguns jornais que foram criados divulgavam informações sobre os costumes e práticas presentes nessa região, entre eles: O Rio do Peixe 1924, O Rebate 1925, O Sport 1926 (SANTANA, 2013). E nesse cenário surge também a *Flor de Liz*, fazendo parte dos periódicos que se destacavam como um órgão de propagação da fé Católica.

## 1.2 Saberes escritos emoções vividas: refletindo a Flor de Liz

Nunca antes uma flor foi motivo de tantas alegrias, pois além da beleza física a mesma trazia consigo toda uma significância, essa flor estava acoplada aos desejos e mudanças no espaço físico da cidade. Nesse cenário é importante pensarmos sobre o moderno que é apresentado na revista, ou seja, mostrar o que a cidade tem de novo, principalmente refletir quais as vantagens desse novo, pois nem sempre os avanços apresentados nesse contexto de moderno são encarados como algo positivo. Percebemos que a revista torna-se uma característica do progresso, pois trazia consigo informações de uma conjuntura que não estava restrita apenas a sua localidade, mas ao mesmo tempo dava impulso para que outras regiões conhecessem e se tornassem conhecidas.

Percebemos, assim como afirma Cipriano (2002), que nessas primeiras décadas do século XX a mulher vai criando certo destaque, pois ao falar que elas devem agir de tais modos implica pensarmos que outras formas de conduta já estavam sendo praticadas por algumas moças. A Revista Flor de Liz, em sua publicação de Abril de 1927, nos apresenta como deveria atuar uma moça, de acordo com o periódico “É ainda de grande vantagem a instrução para as moças porque a corrupção na sociedade actual vem pela corrupção da mulher e se esta tiver uma instrução aprimorada e baseada na religião será a salvaguarda da degenerencia que devasta os meios civilizados”.

Entendemos que com a chegada do processo de modernização e seus signos que surgem nesse contexto na cidade de Cajazeiras, como o cinema, o clube e as praças, poderiam interferir nas maneiras de se relacionar dos sujeitos, assim o receio presente na edição da Revista Flor de Liz é de manter o equilíbrio entre a mulher e a modernidade para que a mesma não venha a torna-se infratora, desviando do que lhe era imposto ou fugindo das regras de conduta, dessa forma havendo a necessidade de escrever sobre maneiras de instruir-se como forma de controle dos valores. Tendo em vista que a Revista Flor de Liz trazia conteúdos referentes ao interesse feminino, mas os homens também faziam usos da revista, vários artigos da revista são de autoria masculina, entre eles Hildebrando leal e Cristiano Cartaxo. Assim as revistas escreviam para um público amplo, esses colocavam suas opiniões sobre esporte, poemas, moda, conduta, entre outras questões.

De tal modo as revistas que circulavam na Paraíba abordavam entre os mais variados temas os assuntos voltados para o cuidado e educação dos filhos a responsabilidade para a conduta destes estava correlacionada à educação das mães. *Flor de Liz* deixa transparecer nos

seus inscritos a preocupação em instruir as moças dentro dos preceitos religiosos, desse modo, essas jovens eram influenciadas a seguirem tementes na fé dentro das normas da “santa e amada” Igreja.

Assim como já foi debatido, existiam ideais divulgados na imprensa que muitas vezes eram compartilhados na sociedade, ou seja, desde a forma de comportar-se em público, o vestir até as maneiras de sentir. Dentro dos preceitos religiosos havia toda a preocupação em manter pura a honra feminina, assim ao falar sobre essas questões as escritoras nos levam a refletir sobre como dentro dessas normas e modos as senhorinhas da elite buscavam vivenciar esses espaços, sejam em suas casas cuidando dos afazeres do lar, nos estudos instruídos as moças ou na igreja exaltando a fé.

A felicidade do homem e da família compreendia ao jeito de se comportar da esposa, nesse contexto percebemos que a revista escrevia sobre assuntos diversos, mas que em sua maioria alcançava com frequência o público feminino. É importante refletir que nesse período nem todas as mulheres tinham acesso à leitura, mas em Cajazeiras atinge o público pertencente à elite. As mulheres que escrevem são instruídas e assim como coloca a revista uma das suas missões enquanto mulher e cristã é preparar as “senhorinhas” e “senhoras” para os compromissos com o lar e seguindo os padrões para serem mulheres sensatas dentro das regras de sociabilidade e seguindo os princípios para qual regia a serem boas mães, educadoras e esposas.

A revista feminina da ação católica que vai se alavancando na cidade de Cajazeiras tem suas características peculiares que, mesmo já existindo outras revistas na Paraíba como a Era Nova e A Ilustração, a *Flor* buscava o seu espaço, suas próprias raízes e suas particularidades de revista feminina. Segundo Lobato *apud* Buetoni (2009), uma característica bem peculiar da imprensa feminina é a relação íntima com a leitora, para quem a revista está se dirigindo (...) a imprensa feminina mais do que qualquer outro tipo de imprensa parece conhecer sua leitora, seu rosto e seu jeito. Constituindo desse modo, a revista traz na sua escrita um pouco desses aspectos ao pensar e expressar os seus anseios para um determinado grupo.

A imprensa Cajazeirense formada pela elite trazia consigo informações sobre o cotidiano, no entanto Lima (2013, p.23) afirma que os periódicos também poderiam ser usados como símbolos de luta e meio de inserção de sujeitos que conseguiram sair do anonimato e promover mudanças marcantes na imprensa e na sociedade. Perceptível na revista que essas senhoras faziam parte da elite e por serem educadoras e fazendo parte de um ideal de fé colocam em seus discursos como eram pautados os bons modos, é importante que

mesmo sendo educadoras seus debates na revista não se limitavam somente a essa discussão educacional, mas sem dúvida era a principal discussão.

Nas tessituras da escrita das mulheres cajazeirense na revista é importante visualizar um pouco sobre as escritoras enquanto indivíduos que expressavam nos seus artigos desejos e anseios de uma época. Em meio à organização da *Flor de Liz*, a autora Santana (2013, p.60) nos apresenta essas mulheres, eram elas: Odília leal (presidente), Izabel Salles Cartaxo (1ª vice-presidente), Aline Rolim Cartaxo (2ª vice-presidente), Rosa Mendes Tavares (secretária), Cinthia Mendonça Mattos (vice-secretária), Maria Assis Ramalho (tesoureira) e Victoria Bezerra de Mello (vice-tesoureira).

Para tanto, é importante vermos que além destas mulheres, pertencentes à elite cajazeirense que organizavam a revista, as mesmas abriam espaços para receber artigos de outras colunistas, algumas delas de acordo com a autora, estiveram inseridas na alta sociedade cajazeirense. Escritoras essas que Santana (2013, p.60) coloca como destaque, sendo que as mesmas eram professoras, escritoras, jornalistas, poetisas e historiadoras e algumas delas foram alunas da Escola Normal Nossa Senhora de Lourdes.

É importante pensar a Revista *Flor de Liz* inserida nesse contexto, no qual envolve aspectos modernos e num contexto republicano é importante vermos que tanto Cajazeiras como as diversas localidades à nível da Paraíba e Brasil estavam passando por mudanças, sejam elas equivalentes a modernidade ou na conjuntura política. Para tanto, além de deixar o leitor informado, a imprensa através dos jornais ou revistas buscavam expor e ao mesmo tempo transmitir formas e jeitos de habitar ambientes de sociabilidades.

No cenário nacional, temos a Revista *O Cruzeiro* 1914 que se destacava nesse período pelas suas imagens ilustradas e pelo conteúdo direcionado para o público feminino em geral, desse modo, trazia nas suas produções um pouco sobre a sociedade e os acontecimentos. Outro exemplo de periódico que circulava durante as décadas de 20 e 30 era a “Era Nova” na Paraíba, de acordo com algumas autoras como Cipriano (2002) e Silva (2000) a mesma trazia para o debate a conduta feminina, sendo escrita não somente por mulheres como já mencionamos, mas direcionada para as mesmas. Assim, em Cajazeiras com a *Flor de Liz* as mulheres mostravam como as revistas de circulação da época uma constante preocupação com o desenvolvimento do moderno, além do cuidado com as mulheres e seu agir.

Além disso, esses discursos são colocados a partir de uma fé católica, pois de acordo com a revista determinados atos são vistos como imorais para a sociedade e condenados pela igreja. A rua torna-se um lugar de imoralidade quando apropriado de forma desviante dos padrões determinados, num poema publicado na revista de autoria de Assis Garrido o mesmo

refere-se aos hábitos de algumas meninas consideradas como fúteis. O poema trata a situação da seguinte forma:

Meninas fúteis  
 Vejo-as aos centos pela praça  
 Hão de ser más esposas; mães inúteis  
 Essas meninas fúteis  
 Que andam mostrando juventude e graça  
 Da vida com certeza  
 Não tem a mais rudimentar nação:  
 Pensam que a vida é apenas a beleza  
 Do rosto, e a perfeição  
 Voluptuosa e atrevida (...) (FLOR DE LIZ, novembro de 1927).

É possível percebermos que no poema existe uma intencionalidade do autor assim como também das senhorinhas que permitem a escolha do poema. De acordo com as colocações das escritoras na revista os artigos ou matérias que fossem ser publicadas na revista deveriam passar pelo grupo pertencente à revista, ou seja, a direção. Assim, as publicações deveriam estar de acordo com os preceitos religiosos e a vontade das autoras, vontades essas que são regidas a partir de desejos dos membros da igreja, pois enquanto pertencentes a A.S.F.C, estas eram educadas para seguir dentro dos preceitos morais. Para tanto, determinadas atitudes eram consideradas como levianas como, por exemplo, o poema que se posiciona para reprimir as atitudes praticadas por algumas moças vistas como fúteis, ou seja, ficar nas praças exibindo a beleza da juventude deveria também ser algo comum em Cajazeiras, se não fosse o poema não teria o seu objetivo pedagógico.

Pensando desse modo sobre as formas na qual a imprensa vai surgindo nesse meio, podemos compreender que o contexto contribui para as formas de se expressar e nos posicionamentos atribuídos na mesma. Logo, os periódicos vão surgindo e contribuindo para os diversos discursos dos quais estamos analisando.

É nesse cenário que a *Flor* embeleza Cajazeiras e deixa seu rastro no qual tem um papel fundamental para divulgar os avanços da cidade, pois é a partir dos escritos femininos que o som da cidade ecoa para vários espaços. Nesse contexto, é necessário frisarmos que a revista era escrita por mulheres pertencente à elite de Cajazeiras, sendo assim, nem toda a população tinha acesso às informações nas quais se apresentava no periódico. Para tanto, a mesma atingia “voo” que não estava restrito apenas ao Sertão, trazendo em seu noticiário aspectos da vida, concursos de beleza, moda, religião, contos e romances. Ou seja, a beleza da *Flor* não ficava restrita apenas ao vaso, mas seu aroma atingia vários meios e cada vez mais

objetivava o maior número de assinantes possíveis, tendo como intuito espalhar para diferentes localidades um pouco sobre a cidade.

É importante perceber que a Cajazeiras nos anos 20 e 30 buscava um ideal de progresso, isso é possível ser entendido a partir dos discursos presentes na Revista Flor de Liz, essa que estava associada à elite, ou seja, percebemos um desejo de tornar Cajazeiras moderna. É perceptível que a revista surge nesse contexto dos anos de 1920 com intuito de expressar formas de sentir pelas mulheres e de se relacionar com a cidade.

### 1.3 A beleza na “Flor” e os ícones do moderno

Outro ícone presente na *Flor de Liz* são os anúncios contidos na revista, esses se tornavam características do moderno como, por exemplo, o “Elixir de Nogueira” presente em praticamente todas as edições. Segundo informações presentes na propaganda, ele servia como depurante do sangue e poderia ser encontrado em diversas farmácias da região como também em outras regiões do país, ou seja, essa mercadoria advinda das mais diferentes localidades e seu uso estava relacionada ao progresso, no qual estava relacionado à saúde e bem estar da população, assim uma cidade que estava inserida na modernidade deveria manter-se sempre saudável.

Esses produtos que chegam a cidade e são divulgados no periódico produziam uma sensação que Cajazeiras estava crescendo e acompanhando o ritmo de produção, isso tudo era desejado pelas elites, permitindo assim que a população se sociabilizasse com as novas técnicas e os novos modos de viver.

É necessário refletirmos sobre quais aspectos do moderno estava sendo discutido na Paraíba e como os sujeitos se apropriavam, atrelando tudo isso aos valores morais da época. Entretanto, nesse capítulo não pretendemos discutir como a modernidade surgiu em Cajazeiras, mas perceber o que está além do físico, entendendo que nos espaços frequentados por homens e mulheres o moderno se fazia presente e desse modo refletir como os sujeitos recebiam os ícones do moderno. Para isso, a Revista Flor de Liz torna-se percussora desses sentidos no momento em que os escritos permitem identificar alguns ícones que se faziam presente nesse contexto do século XX. Dessa maneira, a *Flor de Liz* é uma das possibilidades para analisarmos os signos do moderno presentes na cidade de Cajazeiras, assim pensar as

utilizações realizadas por homens e mulheres sobre os mesmos. Para pensar sobre o uso da imprensa para divulgação do moderno, utilizamos de Santana (2013, p. 32):

Conceitos que foram produzindo o moderno na Paraíba mudaram falas que, propagadas, tornaram-se conhecidas e discutidas nas revistas e nos jornais, seja representando setores mais conservadores como a igreja Católica, seja divulgando a opinião de alguns grupos sociais até então silenciados, como feminino. Dessa forma, a imprensa paraibana também ajudou a produzir uma determinada imagem do moderno.

Segundo Mariano (1999), esse ideal de moderno está atrelado ao novo e ao velho ao mesmo tempo. E que cada pessoa vivencia de forma diferente, desse modo é necessário perceber que as fontes impressas tinham uma intencionalidade, pois era uma maneira de expor para as demais localidades as formas que a cidade estava sendo vivenciada no seu cotidiano e sua religião, portanto tudo deveria manter-se dentro da ordem, da moral e dos bons costumes.

As imagens ilustradas na revista nos remetem a várias informações, entre elas refletir sobre o processo de modernidade na cidade de Cajazeiras. Para isso, usamos como possibilidade para discussão algumas imagens presentes nos anúncios da Revista Flor de Liz, que segundo Borges (2003, p.73) essas imagens fotográficas devem ser vistas como documentos que informam sobre a cultura material de um determinado período histórico e de uma determinada cultura. Usando de tais imagens presentes na revista, percebemos como a mesma pode ser usada como expressão de um dado momento e a sua intencionalidade, nesse caso chamar a atenção do leitor para os benefícios do medicamento.

As imagens desses produtos não estão colocadas na revista como mera ilustração, percebemos que essas propagandas são carregadas de relações de interesses, pois ao tempo que elas divulgam seus benefícios, propagam os avanços do moderno e nos fazem refletir como essas mercadorias eram apropriadas para homens e mulheres. Entre os anúncios, podemos destacar alguns que estão presentes praticamente em todos os números o “Elixir de Nogueira” e “Cafiaspirina”, produtos esses que eram destacados em outros periódicos, a exemplo o “Jornal das moças” que em alguns dos seus números divulga as imagens desses produtos. Desse modo, refletimos que os mesmos circulavam a nível regional e nacional.

A partir da análise do anúncio dos produtos “Elixir de Nogueira” e “Cafiaspirina” foi possível percebermos como os mesmos se utilizam de alguns símbolos para passarem a sua mensagem. O primeiro é exaltado como aquele que purifica o sangue e traz a figura do farmacêutico, o homem responsável por tal solução; enquanto o segundo é colocado como solução para os problemas como dores de cabeça e que pode resolver os problemas de homens

e mulheres. Mas, percebemos que o foco maior dado aos produtos é a utilização pelas mulheres, inclusive traz a imagem de uma mulher como aquelas que estão sempre prontas para usá-lo, pois os resultados são imediatos e assim possibilitava que as donas de casas voltem a cumprir suas tarefas. O uso do elixir servia segundo depoimentos de alguns usuários para as mais variadas doenças, manter-se saudável era algo importante nesse contexto de avanços, pois doenças seriam vistas como algo atrasado e nessa sociedade valorizar o processo de higienização era necessário para divulgar para a população a carência de manter-se bem e com saúde.

Tendo em vista a apropriação desses anúncios, o uso do Cafiaspirina, que de acordo com as indicações contidas na Revista Flor de Liz, combatia “não só as dores de cabeça como também as dores de dentes e de ouvido (...), as cólicas de senhoras, as consequências de noites em claro e de excesso alcoólicos (...)”, percebemos como essas imagens traziam significados, mesmo não especificando se os remédios deveriam ser usados por homens ou mulheres, ou por ambos. Esses eram produzidos em outras localidades, por exemplo, o “Elixir de Nogueira” era comercializado de acordo com o anúncio na revista em todo o Brasil e alguns países da Europa não ficando restrito apenas a Paraíba, mas divulgados na Flor de Liz e em outros periódicos a nível nacional. Em nível de conhecimento é sabido que a revista divulgava vários produtos com intuito, segundo a mesma, de manter a saúde da população. Entre esses medicamentos, além dos já citados, estão: o Elixir de Inhame, Vinho creosotado, Mitigal e o Balsamo da vida.



Flor de Liz agosto de 1927, Anno I, N° 09



Flor de Liz agosto de 1927, Anno I, N° 09

Pensando como esses anúncios possibilitavam a visão das mulheres sobre os símbolos do moderno e suas apropriações, podemos colocar outros produtos, nos quais é possível

discutir o contexto da sociedade cajazeirense. Entre as edições analisadas, um anúncio frequente em todos os periódicos da *Flor de Liz* era sobre o uso da fotografia como característica do moderno, ou seja, não só a fotografia, mas as técnicas usadas para melhores resultados. Essa fotografia era de propriedade de “J. Magalhães”, o anúncio trazia como título “Photographia Modelo” que noticiava o seguinte:

Proprietário dessa fotografia tem o prazer de oferecer ao distinto publico destacidade os seus serviços photographicos garantindo que executará qualquer trabalho que lhe for confiado com presteza cuidado e asseio para o que dispõe de longa pratica. Trabalhos nítidos, expressivos e inalteráveis por processos moderníssimos produz coloridos e ampliações em todos os tamanhos preços convidativos (FLOR DE LIZ, julho de 1927).

No entanto, esses ícones do moderno estavam expostos na revista de forma que o domínio do mesmo era algo que causava um deslumbramento por quem detinha as técnicas como também por quem poderia utilizar as mesmas. Portanto, podemos refletir o moderno a partir do anúncio da fotografia caracterizado nesse momento pelos usos das técnicas e, indagar: Quem faria uso das fotografias? Quais sujeitos se interessariam para utilizar de tais trabalhos? Tendo em vista a quantidade de imagens fotográficas presentes nas edições da revista, podemos supor que eram as mulheres pertencentes à elite cajazeirense, escritoras da revista, como também homens que utilizavam dessa técnica do moderno, pois em meio aos números da revista vez por outra aparecia uma imagem fotográfica, expressando gestos e formas de mulheres e homens em meio ao contexto social e cultural da época.

Entre as diversas possibilidades de analisar as abordagens da revista sobre os avanços do moderno, outra colocação que deixa transparecer essas questões é quando a edição de fevereiro de 1927 nos apresenta alguns itens tendo finalidades diversas, entre elas o desenvolvimento da cidade: o “arado” responsável pelo cultivo com a terra, equipamentos para o cuidado com a “creação” e a fazenda de algodão.

Percebemos que existia a necessidade de expor na revista já que esse era um meio de levar para as mais diversas localidades o nome da cidade de Cajazeiras, que vive essa modernidade não apenas na cidade, mas no seu entorno, como aponta o anúncio de fevereiro de 1927. Assim, é importante tentarmos compreender que havia uma vontade das responsáveis pela revista de mostrar o progresso da cidade, sendo assim também é possível de ser vislumbrado outras formas de análise, estas que vão além das técnicas inseridas na modernidade, a exemplo as colocações da revista no que se refere às formas e modos de

vestir-se e como as mesmas estavam se comportando, ou seja, percebermos além do físico, mas as apropriações utilizadas por homens e mulheres.

Essas premissas que se tornam visíveis a partir dos escritos femininos na revista nos permite pensar sobre como as damas da sociedade e, principalmente, como essas mulheres escritoras da revista imergem nessa sociedade nas décadas de 1920 e 1930. Portanto, é necessário perceber quais valores eram atribuídos aos papéis do feminino e masculino, já que o processo de “modernismo”<sup>4</sup> veio para ajudar no desenvolvimento econômico, mas que esse traz consigo consequências que podem influenciar nos comportamentos, sendo assim percebemos que as escritoras buscavam manter um equilíbrio entre o moderno e suas concepções religiosas, ou seja, como vivenciar essas práticas dentro de um contexto religioso. A modernidade que a revista quer propagar está relacionada aos ícones, aos produtos, era importante saber as novidades para não ser considerado atrasado. O próprio conceito de modernidade como Mariano (1999) coloca foi apropriado não como transformação ou mudança, os valores em si pouco mudaram, foram apenas ressignificados a partir de um discurso institucional da justiça, da medicina e da escola.

Sendo assim, a revista, como meio propagador de informações, busca em suas edições manter um controle das ideias impostas nessa sociedade, ou seja, o velho e o novo estão sempre juntos e sempre nos remetemos a uma ideia de tradicional e moderno, ou antigo e velho como coloca Mariano (1999), pois é a existência de um que determina o outro, como velho ou moderno. Para tanto, vejamos que a revista coloca que o modernismo é discutido como algo amplo, que pode trazer consequências não muito agradáveis para a fé cristã e os comportamentos femininos:

O modernismo tratado, hoje, em todos os recantos do universo, está em verdadeira oposição com a moral christã e com a nobre e subllime virtude angélica- a pureza-tão descuidada por aquelles que se dizem modernos e progressistas. [...] Infelizmente, a encantadora virtude angelical está passando por grande decadência nestes dias em que os homens na mór parte, cuidam do modernismo. Ela caminha em decadencia, devido às más escolas do cinema e das modas imoraes, que hoje escravizam o mundo inteiro e que reinam até nas familias christãs e nas jovens de reconhecida piedade (FLOR DE LIZ, 1931, janeiro).

Esse novo e as formas como o mesmo é apropriado podem ser considerados como aquilo que transgredi a moral, ou seja, como os sujeitos mais especificamente as mulheres se apropriam desses símbolos, sejam eles o cinema, a moda e o futebol, entre outros que surgem

---

<sup>4</sup> Flor de Liz, Janeiro de 1931, ano V, N° 2

nesse momento. É nesse sentido que precisamos pensar o lugar social das escritoras da *Flor de Liz*, elas enquanto membros da Ação Social Católica Feminina. estão escrevendo a partir do lugar de religiosas, portanto, elas deveriam exercer um controle entre o que é moderno e conservador.

## **2. A MULHER E A MODA: SOCIABILIDADES E VIVÊNCIAS EM CAJAZEIRAS DOS ANOS 20-30**

### 2.1 Artíficos da beleza: o fazer-se bela na revista

A revista como fonte de análise para o feminino nos possibilita perceber como cada mulher, nesse caso as que publicavam na revista, sente e vive Cajazeiras em suas mais variadas situações, entre essas citamos o cenário de progresso e avanços que estão emergindo naquele contexto. A revista trata dessa questão em vários momentos, mas sem dúvida um dos temas mais recorrente que nos ajuda a entender essa discussão é a moda. Para Lipovetsky (2009, p. 25) “os séculos XIX e XX foi o vestuário, sem dúvida alguma, que encarnou mais ostensivamente o processo de moda, ele foi o teatro das inovações formais mais aceleradas, mais caprichosas, mais espetaculares”.

Ao nos apropriarmos dos escritos da revista, compreendemos que esses emergem uma moral religiosa e civilizatória, em que as mulheres deveriam trajar-se de acordo com os padrões que eram colocados pela igreja, mesmo assim, a moda torna-se assunto frequente entre as publicações.

É relevante compreender que os periódicos que circulavam na Paraíba recebiam influências de outros espaços, de acordo com a Revista Flor de Liz a moda europeia estava presente nas publicações contribuindo para as vestimentas das senhoras. Segundo Araújo (2012) “a moda é variável no tempo e resultante de determinado gosto, ideia, caprichoso ou de influências do meio, regulando a forma de vestir, calçar, pentear”. Sobre isso, Besse (1999) acrescenta que “as que tinham condições de pagar os preços do varejo compravam ‘roupas feitas’ bem como os acessórios da moda”, na década de 1920. Ou seja, a moda torna-se acessório de luxo, no qual nem toda a população poderia desfilarem com os variados modelos, pois isso exigiria custos. Ainda reforçando sobre as tendências da moda e sua influência europeia, Júnior (2016, p.181) nos leva a refletir que “esse saber de tendência europeia era divulgado pela mídia impressa da época. Assim, é importante destacar que apenas a elite tinha acesso a esses veículos, o que não impede, por exemplo, do saber ser passado de boca em boca” e adentrar em outras regiões, atingindo o público das mulheres menos abastardas, que mesmo não comprando determinado tecido saberia como usá-lo.

O autor supracitado reforça a ideia que a moda era direcionada para as mulheres da elite, mas nada impedia que através de fotos ou até mesmo da convivência em alguns espaços os menos abastados não tivessem acesso, pois ao utilizar da linguagem permitia que, por exemplo, as empregadas pudessem saber e compreender como essas tendências se faziam presentes a partir de suas patroas. Ou seja, era um saber que não ficava restrito apenas a um determinado grupo da elite, porém poderia ser compartilhado entre as demais mulheres não pertencentes à elite, a partir dos usos feitos pelas patroas permitindo a identificação e as apropriações desses mecanismos.

Dentre essas possibilidades de falar do corpo e da sua apropriação estão a moda, o corte de cabelo, os cuidados com o corpo de uma forma geral, como a higiene e a saúde. Tudo isso reflete uma sociedade que vivencia mudanças entre o antigo e o novo, assim pensar essas décadas é compreender um pouco sobre as relações presentes entre homens e mulheres e os papéis que foram se constituindo. De acordo com Santana (2013, p. 52):

A moda também foi utilizada como objeto de questionamentos, uma vez que poderia criar novas formas de comportamento e até mesmo de inversão da imagem masculina e feminina por seu oposto. Essas observações nos aproximam um pouco mais das relações de gênero que estavam construídas na Paraíba nas décadas de 1920 e 1930.

Para entender como esses lugares são construídos socialmente na Revista Flor de Liz é imprescindível trazer as discussões das relações de gênero. Os papéis são construídos culturalmente e historicamente, assim, valores vão sendo atribuídos e determinando o que era ser homem ou mulher naquele contexto.

Na edição de Junho de 1930, a Revista Flor de Liz publicou um artigo intitulado “Guerra as saias compridas” o qual não tem assinatura do (a) autor (a), mas apenas termina com “Da folha da Manhã”. O artigo aborda sobre o uso da saia curta e o desuso da saia comprida, referindo-se a uma discussão sobre a volta do uso das saias compridas e como o uso delas vão sendo abordadas pelas feministas inseridas nessa sociedade. Um trecho do artigo relata a seguinte ideia: “hoje em dia com seus altos e baixos, aos nossos olhos de ultra modernos, a moda, tem aspectos curiosos que muito nos fazem pensar sobre as suas futilidades.” Para completar suas colocações, o autor acrescenta que “hontem, o feminismo bradava a favor da saia curta e do cabelo cortado, chamando as conquistas hygiene e da liberdade”.

O artigo relata a moda como um fator de luta pelas feministas, pois muitas haviam lutado pelo uso da saia curta e do corte de cabelos, influência essa baseada no modelo francês,

isso tudo seria para elas uma forma de higienização e liberdade. Nesse sentido, o (a) autor (a) critica a moda como algo passageiro, que ora é desejada de tal forma e depois sofre variações. Quando surge a ideia de retornar com o estilo da saia comprida algumas mulheres não foram a favor, pois essa ideia iria contra aquilo que as mesmas reivindicavam, isso gerou conflitos e debates entre homens e mulheres. Ao discutir sobre a moda no início do século XX no Brasil, Besse (1999, p. 33) nos apresenta os debates que percorriam sobre a mesma:

As novas modas, que ofereciam um sinal de rebeldia de uma nova geração, eram severamente atacadas por serem imorais e por escravizar as mulheres aos ditames do mercado progressistas e moderados frequentemente se sentiam afrontados com artificialidade e a frivolidade das modas modernas, bem como com a ‘quase obscena’ exposição das mulheres aos olhares voluptuosos. Os conservadores consideravam as modas modernas antiestéticas, anti-cristãs, o ‘primeiro passo para a docência moral’ e um elemento ‘perigosíssimo’ que poderia solapar a base familiar de sociedade e levar a um ‘tremendo cataclismo’.

A moda como já fora apresentada tinha um papel muito amplo, a partir da mesma poderia se perceber outras possibilidades de análise. Para os conservadores a mesma poderia ser imoral já que poderia manipular os corpos femininos colocando-os em risco, já para as mulheres poderia significar ter o controle sobre seus próprios corpos.

Alegava-se que ninguém sabia aonde a saia iria se continuasse diminuindo, levando há pensar que as mulheres que fugissem das regras estabelecidas pelo padrão instituído por uma sociedade patriarcal poderiam ser consideradas uma pessoa sem pudor. O autor acrescenta ainda que a moda masculina pouco mudava com relação à feminina. Há certo medo com relação à influência que as mulheres estavam exercendo nessa época, por isso há toda uma preocupação em destacar esses acontecimentos com o uso da roupa para que outras jovens ao ver como era exposto tais conteúdos pudessem se sentir influenciadas.

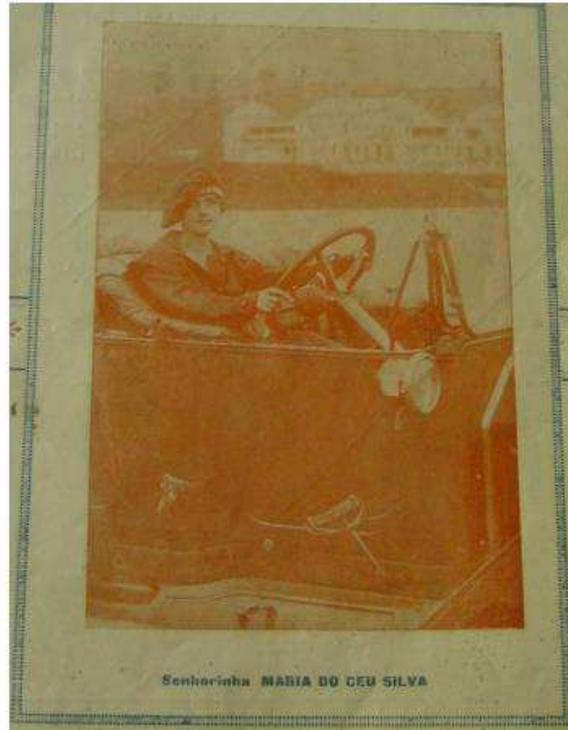
Assim, quando a revista lança essa matéria é notório a preocupação com a autonomia das mulheres, subtendemos que ao escrever sobre esses conteúdos existiam por traz destas questões uma preocupação em manter os ideais religiosos, pois ao conseguir adequar o tamanho da saia ao que era antes estaria legitimando um controle sobre o corpo feminino. A moda está para além do tecido, existindo toda uma ameaça para a moral e os costumes sociais, dentro de toda uma regra de padrões e identidades. As maneiras de vestir colocavam os sujeitos enquanto masculinos ou femininos e, principalmente, determinando o sujeito e sua moral, no entanto com as mudanças que estavam acontecendo essas fronteiras poderiam ser rompidas.

Sendo assim, no que emergem essas discussões é necessário refletirmos sobre como é pensado o papel da mulher e, principalmente, como a moda torna-se dispositivo para reflexão sobre esses papéis. Cipriano (2002, p.61) analisa como era construída as relações de gênero na Paraíba durante o período que engloba as décadas de 1920 a 1930, segundo ela os espaços públicos permitiam a presença de homens e mulheres de diversos grupos sociais nas ruas, bairros, praças e igrejas, nesses ambientes de sociabilidades, os diversos estilos poderiam ser vistos pelos mais variados públicos.

Conforme a autora (2002, p.73) “a moda incomodava porque representava mudanças sociais, porque significava mudança na própria natureza do masculino e do feminino”. É notório que ao colocar essa natureza masculina refere-se aos discursos que determina os papéis sociais e normas de conduta, assim a roupa e os estilos poderiam legitimar enquanto masculino e feminino. Podemos refletir que tudo isso se tornava alvo de ameaça para a fé cristã, como bem coloca Cipriano (2002 p.72) a moda aparecia, então, como o próprio fantasma da infidelidade social.

Para tanto, percebemos que a autora aponta que a moda era vista como corrosivo dentro da sociedade, isso se torna perceptível na Paraíba e em suas diversas localidades. O cuidado em manter a moral na Revista Flor de Liz está presente na maioria de suas edições das quais tivemos acesso, onde apresentava os anseios com relação à moda. Ainda sobre a influência da moda na sociedade, Quintela (S/A, p.09) reforça que “o vestuário, sendo uma das formas visíveis de consumo, desempenha um papel da maior importância na construção social da identidade, pois constitui uma indicação de como as pessoas, em diferentes épocas, veem sua posição nas estruturas sociais e negociam as fronteiras”.

Outra revista que abordou um pouco sobre os usos da moda a partir de imagens femininas foi a “Era Nova”, de circulação na Paraíba do Norte. Esta tratou como a moda estava se constituindo e como as mulheres se trajavam nessa nova conjuntura de modernidade. A fotografia contida na capa da revista “Era Nova” nos possibilita ver como a moda influenciava nos gostos, desta maneira percebermos novos estilos atrelados ao contexto da modernidade, esta que se fazia presente não somente em Cajazeiras, mas em outras regiões. É notório que a jovem está com trajes que difere um pouco dos vestidos usados por muitas senhoras, ocupa um espaço que por muitos é dito como masculino e faz uso de signo do moderno, no caso o carro. Isso nos permite refletir que nessa conjuntura, novos gostos vão surgindo e que a moda e suas apropriações são algo presentes, sejam nas ruas, praças ou na imprensa paraibana.



Capa da revista Era Nova, 1921, N° 01

De acordo com Silva (2000) a moda é traduzida nas ruas, no cinema e na imprensa como uma nova linguagem para o corpo. Assim, a mulher adentra outros espaços e expõe, ainda que de maneira gradativa, seus gostos. E logo as identidades vão sendo constituídas e classificadas enquanto masculino e feminino, pois são as práticas e os usos cotidianos que nos leva a perceber os jogos sensoriais e como os espaços estão se construindo. Em Cajazeiras, as mulheres expressavam em seus artigos os interesses pela moda, é nesses afazeres da vida cotidiana que novos gostos e gestos vão se formando como, por exemplo, o ato de escolher o que vestir ou o desenho que é feito pelas mãos da costureira. Assim como afirma Certeau (2008) “devemos estar abertos para novos olhares” e desse modo pensar como nesses usos outros sentidos se fazem presente nas formas de ver e sentir.

Na edição de agosto de 1927 a Revista Flor de Liz traz mais um artigo que relata sobre a moda, o mesmo é intitulado “A moda e a mulher” e não possui autoria. Num dos seus parágrafos, o mesmo trata que “a diferença está em que às vezes se engana, seguindo à risca o que a moda, essa tyranna da vida feminina, manda. As senhoras devem ter o critério de ver o que lhes fica bem e o que é próprio para uma senhora.” Desse modo, vemos que a revista trazia uma preocupação com as formas que as mulheres iriam ou estavam se apropriando dessa moda, pois como a revista deixa transparecer essa já se fazia presente na sociedade e

poderia ser vista nos diversos espaços pelos quais essas senhoras circulavam e era a forma como as elas e as senhorinhas se utilizavam que ameaçava toda a moral religiosa cristã.

Então, entendemos que existia nos trechos dos artigos supracitados a necessidade de apresentar algumas inquietações e essas nos ajudam a pensar sobre os valores que são atribuídos. Assim, é perceptível compreender que existia uma preocupação com a manutenção da moda na Revista Flor de Liz e como as mulheres adotavam esses usos. Os autores deixam transparecer nas entrelinhas dos artigos que a moda era algo voltado para “o mundo feminino”.

Sabemos que o feminino e o masculino são questões necessárias de análise, nesse artigo destacado na revista o papel da mulher está sendo colocado como aquela que se preocupa com a moda e ao mesmo tempo deixa transparecer os preceitos religiosos, tendo em vista que certas práticas como as formas de agir e se expressar poderiam ir contra a moral e os bons costumes, estas são preocupações frequentes expostas no periódico. Notamos como essas relações de gênero são elaboradas e construídas socialmente e como a moda é uma das possibilidades de representação dessas relações.

Para entendermos melhor essas relações e como esses papéis são constituídos socialmente, Tedeschi (2005, p.140) relata que “Toda uma tradição de estudos tratou de mostrar como os significados que damos às diferenças entre homens e mulheres variam no tempo e no espaço e depende não da natureza, mas organização social e da cultura”. Assim, o vestuário enquanto possibilidade de estudo reflete também nas questões de gênero, na verdade são as relações de gênero que produzem o vestuário. Dessa maneira, as propagações desses escritos constituídos na revista e divulgado entre a comunidade cajazeirense e em outras localidades da Paraíba, além de retratar sobre essas mulheres, nos apresenta as maneiras destas se comportarem dentro da comunidade. Para discorrer sobre essas questões é importante pensar como são atribuídos os olhares para o masculino e o feminino.

É a partir dos debates envolvendo os lugares para os sujeitos, estes foram sendo formados ao decorrer dos séculos, que Scott (1990) nos apresenta algumas possibilidades de analisar o gênero e como esse é presente e sempre foi motivo de inquietações: “com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens”. Assim nesse contexto no qual a moda torna-se motivo para tanto receio por parte da igreja e pela sociedade, percebemos que ela nos possibilita uma discussão sobre como esses papéis sociais e sexuais foram sendo construídos no decorrer do final do século 20 e início do século 30 em Cajazeiras, a partir do uso das roupas, dos valores

empregados e das preocupações das elites em ditar quais as melhores formas de se conduzir em meio a toda essa conjuntura.

## 2.2 A roupa enquanto experiência sensível

A moda ao longo dos anos sofre mudanças, pois vários fatores influenciaram entre eles gostos e desgostos, aceitações e reações. Com o desejo de que as mulheres se adequem aos gostos impostos pela fé cristã, os modos de se vestir variam, mesmo assim é a partir das mudanças das formas de como utilizá-la que nos possibilita problematizar as motivações e os conflitos presentes nesses discursos.

A sociedade da década de 20-30 estava passando por transformações, sendo assim a imprensa tinha um papel fundamental na divulgação desses conteúdos como, por exemplo, falar sobre feminismo tinha um objetivo, uma intencionalidade, ora mostrar para a população sobre o advento do mesmo, ora mostrar as causas e efeitos. Na Revista Flor de Liz no Alto Sertão paraibano, em plena década de 20 pensarmos esses modos é pensar os interesses tanto religiosos como morais. Nesse momento, falar sobre a moda era uma forma de discutir como as mulheres estavam agindo sobre as novas maneiras de se vestir e se comportar diante dos ideais de moderno e tradicional.

É importante entendermos como essa identidade feminina era percebida e sentida nesses espaços relacionados à moda, como era usada e compreender um pouco dos sentidos que envolvem os sujeitos e, principalmente, como a revista nos possibilita pensar sobre esses aspectos. Sabemos que além da moda, outros fatores como trabalho, família, o lar e o meio social estão relacionados às vivências das mesmas, desse modo construindo discursos e legitimando lugares para as mulheres.

Mesmo que o artigo citado anteriormente traga acontecimentos de outra localidade no qual não deixa claro o lugar em que o autor escreveu, sabemos que as mulheres colocavam em suas publicações os seus anseios. Assim ao expressar a preocupação ou satisfação com o uso da saia curta, mostra também os cuidados com as senhorinhas presentes na cidade de Cajazeiras, pois a moda se fazia presente nas mais diferentes localidades e a imprensa era um mecanismo que poderia influenciar para um entendimento aprofundado sobre o uso desta.

Desse modo, nos interessa entender como a representação das roupas na Revista Flor de Liz produziam um sentido, criando e recriando lugares, pois cada sujeito se apropria desse

ideal de moda vivenciado nessa conjuntura, fazendo uso da forma que melhor lhes convém. De acordo com Araújo (2011) a moda pode ser vista como um esboço comportamental das sociabilidades, assim torna-se relevante que esta possa legitimar lugares contribuindo para os modos de ser numa determinada sociedade.

Partindo desse viés para a compreensão da apropriação da moda pelas mulheres cajazeirenses do início do século XX é possível vermos que a roupa e os lugares por onde as mesmas percorriam poderiam dizer muito sobre suas condutas. Sendo assim, na Revista Flor de Liz, esses espaços são apresentados enquanto lugares do novo, além de serem vividos, são perpassados por interesses, nos quais produzem lugares e para cada indivíduo que nele se fazia presente. Assim ao acionarmos as discussões sobre os usos dessa indumentária na revista, percebemos como é exposto no artigo de junho de 1927: “É preciso convir em que a moda exige também certos modos...”, esse trecho está relacionado ao artigo intitulado “A Moda”.

O responsável por essa produção não se identifica, mas impõe um desejo que está perpassado pelos religiosos e religiosas, que seria os princípios moralistas impostos na sociedade e como as mulheres deveriam fazer para agradar esposos e pais, pois o uso exagerada das roupas poderia gerar grandes custos. Tomando como partida para análise do que já fora anteriormente colocado, é importante vermos que existia na sociedade cajazeirense um controle com relação às formas como as mulheres se utilizavam da moda, essa que ora determinava sujeitos e expressava sentimentos. Vejamos isso na edição de junho de 1927:

Uma mulher de bom senso e bom gosto não se alheia até o sacrifício de seu senso artístico, a menos que faça em proveito de outra vontade que lhe obedecer ou... agradar. Segundo, não se deve perder de vista que, a mulher que melhor se veste, é a que se veste de acordo com recursos de seus paes ou esposos (FLOR DE LIZ, Ano I, N° 7, Junho 1927).

A indumentária diz muito sobre os costumes, as práticas e os modos de ser e de se expressar de um determinado grupo. Mediante tais discussões, as formas de vestir além de rotular as mulheres como recatadas ou vulgares, religiosas ou desviadas, poderiam deixar perceber o seu lugar socioeconômico. As festas nos clubes eram os locais onde essas senhoras poderiam ostentar seus modelos e deixar transparecer dessa forma suas formas de se relacionar dentro de um determinado espaço. A revista expressa numa de suas edições de junho de 1927 que “mais vale perder uma festa por falta de um vestido novo, do que abrir uma conta com risco de não fechar jamais”. Assim, a revista afirma que existia a necessidade

de haver um controle sobre o uso exagerado da compra e da confecção das roupas, pois os bolsos dos pais e esposos poderiam sofrer com os preços.

Portanto, o discurso no artigo está estabelecendo a mulher enquanto aquela que consome muito e que para isso deve haver um controle, evitando gastos futuros para os pais ou esposos. Com relação ao consumo da moda, Lipovetsky (2010, p.199) escreve que “assim, jamais se consome um objeto por ele mesmo ou por seu valor de uso, mas em razão de seu valor de troca signo, isto é, em razão do prestígio, do status, da posição social que refere”. E essa moda do consumo que ora dita valores, ora demonstra gostos, é vista pelo autor como instrumento de “hierarquia social”, assim a moda define enquanto pertencente a determinado grupo e como os sujeitos se envolvem com a mesma.

A citação acima extraída da revista mostra que as festas seriam um ambiente no qual as roupas eram destacadas como objeto de valorização, ou seja, um espaço de encontro e desencontro, assim a moda se reafirmava e os gostos poderiam ser compartilhados. A revista nesse artigo nos apresenta duas opções ir ou não para as festas e as consequências dos gastos em decorrência do preço dos vestidos que seriam usados nas mesmas.

Percebemos a importância da moda e, principalmente, os modos pelos quais estes eram apropriados por cada sujeito e como esta pode determinar lugares, sujeitos e expressar sentimentos. Para Melo e Sousa *apud* Araújo (2012, p. 40):

Moda é um todo harmonioso e mais ou menos indissolúvel. Serve a estrutura social, acentuando a divisão de classe, além de reconciliar ‘o conflito entre o impulso individualizador de cada um de entre nós, necessidade de afirmação como, e o socializador, necessidade de afirmação como membro do grupo.

Mediante essas discussões, percebemos que as formas de utilização da moda poderiam influenciar o comportamento, pois pensar a moda de acordo com o lugar que ela está inserida pode dar um sentido de pertencimento aos que dela se apropriam.

No início do século XX, o discurso pelo qual legitimava os papéis sociais era frequente, pois existia um sistema de vigilância que determinava como cada mulher deveria agir perante essa sociedade. Boa parte dos impressos que circulavam na Paraíba nesse período dava visibilidade para pensar sobre a moda e os olhares que eram atribuídos, por isso ao analisarmos o uso desta é importante pensar a mesma não apenas como um mero tecido no qual a partir do corte e dos cuidados realizados pelas mãos da costureira formam uma peça com a função apenas do vestir, mas compreender que entre as linhas, os fios e cada espaço percorrido pela agulha, vão surgindo novas formas de construção de valores, expressões e

intencionalidades para o corpo feminino e colocando um ideal para a moral, os costumes e o jeito de ser de cada sujeito presente em um dado momento de tempo e espaço. Desse modo, concordamos com Araújo (2011, p.23) quando este afirma que:

A moda é também um fator que auxilia na construção de identidades. Ela tanto pode ser representativa de uma época, de um lugar, como de um grupo social específico e de uma nação esfera. Ultrapassa a ideia da simples distinção da aparência para penetrar numa esfera simbólica que confere unidade [...].

Assim, essa pode ser percebida tanto pelo viés econômico como pelo sensível, social e cultural, ou seja, há múltiplas possibilidades para se discutir sobre a indumentária. Dessa forma, podemos compreender que a moda é uma ferramenta de estudos para refletir sobre determinada época, assim como Araújo (2011) defende que é trabalhar com os dizeres e sentidos do corpo traduzidos através da moda. Desse modo, vemos que não é apenas a roupa pela roupa, mas o que ela é capaz de representar, observando que cada sociedade tem suas formas de se relacionar com a mesma.

Nesse sentido, entendemos que a vestimenta por si só não representa o contexto. Como a cidade de Cajazeiras estava passando por transformações no seu cenário devido às consequências do processo de modernidade, percebemos que os personagens inseridos no processo criam significados. Essa forma de uso pode ser analisada a partir da Revista Flor de Liz da cidade, na qual podemos ver que no contexto do início do século XX a sociedade cajazeirense recebia influências modernas, para muitos esse tipo de avanço poderia trazer benefícios, como também malefícios. Por isso, muitas vezes a moda é colocada como algo que pode ameaçar a moral das mulheres pertencentes à elite e das demais presentes nessa conjuntura, que deslumbravam os estilos e desejam peças e modelos que se faziam presentes nos grandes centros e que chegam através das informações nos periódicos e cinemas. Assim, para Júnior (2016, p.181) os impressos são um mecanismo “pelo refinamento do gosto ditado pelos jornais como sendo a moda, o que está em voga, aquilo que seduz, que refina o estilo individual de cada um”.

Assim, a moda colocada na revista é um mecanismo pelo qual as mulheres poderiam se expor, mostrando suas condições financeiras, a sua forma de conduta e moral perante as demais mulheres que faziam usos da revista, que ao lerem poderiam tomar para si determinadas regras ou gostos, mantendo-se dentro dos princípios religiosos. A revista mostra em suas publicações os avanços do moderno, mas vale salientar que dentro de todo esse contexto outros significados iam surgindo, entre eles como a moda é figurada dentro dessa

conjuntura: “certamente, a modernidade tornou-se anseio de muitos, no entanto para muitos outros os modismos advindos com ela e com a crescente modernização mereciam alguns cuidados” (LUNA, 2012, p. 22). Assim, pensar esse cenário de avanços não é apenas ver o que surge no moderno, mas compreender como são atribuídos sentidos para os personagens que nele estão inseridos.

### 2.3 Corpo e beleza: sensibilidades femininas em Cajazeiras dos anos 20 e 30

A *Flor de Liz* em seus exemplares nos possibilita dar visibilidade a questões que muitas das vezes passam despercebidas, mas que são de grande valia para o entendimento de aspectos culturais da sociedade cajazeirense, com seus hábitos e costumes individuais ou coletivos dos sujeitos que habitavam a cidade naquela época. Para tanto, essas entrelinhas fazem com que possamos ver e refletir sobre um contexto no qual não vivenciamos, mas que a partir das fontes nos aproximamos um pouco sobre as maneiras que eram percebidas e atribuídas valores aos cuidados com o corpo e com a beleza, além de perceber como tudo isso é perpassado por um jogo de interesses nesses espaços de sociabilidade.

Ao apresentar um pouco sobre a Revista *Flor de Liz* e seus artigos na sua tese, Silva (1999, p. 306) afirma que “dentro a função primordial de dar eco a fé católica, anunciava os elementos que espalhavam as diferenças de espaço e tempo dessa cidade em relação às capitais Fortaleza e João Pessoa”. Assim, mesmo com o distanciamento das cidades do sertão com as capitais, as notícias circulavam em torno dos aspectos locais como também de localidades distintas e levavam informações para os mais variados espaços.

São nesses espaços que a revista busca transpassar os hábitos de um determinado momento e percebemos ainda o intuito da mesma manter uma instrução para o feminino, ou seja, gerando uma civilidade a partir das influências que ela mantivera com a igreja. Dentro desses aspectos, podemos perceber outros contextos que se faziam presentes nos periódicos paraibanos, mais precisamente na *Flor de Liz*. Em seu livro “O corpo hígado”, Júnior (2016, p. 186) analisa que:

Embora nas capas dos periódicos não estivesse estampado o título ‘manuais de civilidade’, esses saberes foram propagados com a intenção de guiar comportamentos, doutrinar hábitos, vender produtos, negociar higiene e beleza. São práticas de apresentação do corpo que demonstram uma pessoa

limpa, higienizada e bela; são práticas de sociabilidades. Jornais e revistas estavam repletos de conselhos de postura e higiene como parte do conceito de civilidade (...).

Dentro de toda uma conjuntura de aproximações e distanciamentos com os outros espaços de trocas de informações, hábitos diferenciados e influências que chegam dos mais variados ambientes, sejam pelo meio dos impressos ou no boca a boca, é imprescindível pensar quais os usos feitos por homens e mulheres para manter os modos e as maneiras de comportamento, pois ao tempo que a revista nos mostra várias formas de anúncios sejam eles de beleza, moda ou notas elegantes, existe uma intencionalidade de interferir nas vidas das mesmas como uma forma de disciplinamento para os cuidados com o corpo. Na edição de agosto de 1927, o periódico intitulado “A moda e a mulher” nos aponta sobre algumas dessas questões, ou seja, como muitas mulheres faziam o uso de alguns artifícios da moda e os cuidados que as mesmas deveriam ter:

Nessa época de requintada civilização, a moda ressentia-se da dissolução moral, que tudo tem atingido e ha modas que são interessantes para uma artista, para uma mulher que pela extravagancia quer dar nas revistas, mas que uma verdadeira senhora nunca deve usar, e não deve consentir que suas filhas usem. Uma das coisas que a moda impõe é o maquilage. Esta muito bem que uma senhora que já não é muito nova e que perdeu frescura da primeira mocidade, recorra ao artificio para parecer bem, mas de usar um pouco de rouge e pó de arroz, vai uma grande diferença a certas caras pintadas, olhos com rimiel, as bocas sangrando, as sobrancelhas rapadas e feitas a pincel, que nos deixam se são pessoas respeitadas ou apenas criaturas que querem dar vistas e atrahir os olhares masculinos (FLOR DE LIZ, Ano I, N° 9, agosto de 1927).

No artigo percebemos que quem escreveu se preocupou com os usos dos mecanismos realizados pela moda e como as mulheres deviam se apropriar. Para Araújo (2008, p.31), em sua tese, “as práticas de adestramento dos corpos produzidos novos sentidos para se pensar o conceito de beleza e este por sua vez, engendrava novos sentidos para os corpos femininos e suas formas de expressão no século XX”. Os diálogos que surgiam nesses mecanismos de divulgação tal como a *Flor de Liz* nos permite analisar questões nas quais envolvem corpo e beleza, sendo que esses sempre estão voltados para uma forma educacional que colocam as formas de agir e se comportar dessas mulheres como função primordial para uma educação das crianças, do lar e das senhorinhas.

Os cuidados com o corpo e a higienização eram assuntos presentes em revistas e jornais que circulavam no país. Ao debater sobre as formas como o corpo era divulgado nos

periódicos mais precisamente na *Flor de Liz*, é importante percebermos que havia a necessidade de alertar as mulheres sobre o cuidado com o mesmo. Ao abordar tal assunto, em seu livro “Historias íntimas”, Del Priore (2014, p. 113) nos aponta algumas questões que são fundamentais para compreendermos os manejos e os interesses sobre o corpo, no contexto das primeiras décadas de 1920-1930:

O discurso higienista, tão ativo entre os anos de 1920 e 1930, nos estimulam a vida das mulheres ao ar livre, menos cobertas e mais fortificadas. O hábito dos esportes, a fundação dos clubes a ênfase na dança instigava pela recém-inventada indústria fonográfica acirravam a exposição dos corpos. Instalou-se a busca da aparência sã. A medida começava a sublinhar a importância de exercícios e vida saudável para preservar não somente a saúde, mas a frescura da tez, a pele saudável, o corpo firme e jovem. Acreditava-se que os defeitos físicos poderiam ser corrigidos, não à custa de toneladas de maquiagem ou qualquer outro artifício, mas por meios salutar, como a vida higiênica disciplinada e moderada.

A autora nos permite refletir como nessas décadas surgia uma preocupação para o cuidado com o corpo, sendo que essas, muitas vezes, eram perpassadas por interesses que estavam condicionados aos modos de agir e sentir dos sujeitos presentes nos diversos espaços. Na Revista *Flor de Liz*, essas questões são expostas tendo em vista os princípios religiosos da fé cristã, para essas mulheres que escreviam na revista eram colocados assuntos sobre os princípios modernos e suas consequências; falar do corpo era importante, mas este deveria ser remetido para *o cuidar*, ou seja, voltado para a higienização do mesmo, para isso existia todo um discurso médico no qual define quais as melhores formas de se manter dentro dos cuidados com o mesmo. Na edição de março de 1927, a Revista *Flor de Liz* traz um artigo sobre a “Mortandade dos lactentes”, mostrando os benefícios do leite materno:

O Dr. Leoncio de Queiroz, Hygienista de grande nomeiada e mestre desenganado no tratamento das crianças tem como seguro que o aleitamento materno por si só bastará à alimentação dos recém-nascidos. Dahi o condemanarmos nós, a vaidade criminosa de certas mães que deixam de amamentar para não envelhecer physicamente, sacrificando desta’arte a vida a uma causa temporã (FLOR DE LIZ, Ano I, N° 4, março de 1927).

No artigo o discurso do médico legitima o corpo da mulher como maternal, a prática da não amamentação é condenada, pois a vaidade feminina e os cuidados em manter-se bela fisicamente não deveriam ser mais preocupantes do que os cuidados com a vida da criança. Outrossim, é perceptível que na cidade de Cajazeiras as mulheres vinham mostrando um certo

desejo em manter os cuidados com o corpo. Sobre esse assunto, Júnior (2016) aponta como ele se estabeleceu na Paraíba no final do século XIX:

Na parahyba, as artes de civilizar remontam ao final do século XIX, quando uma série de medidas higiênicas e de comportamento foi lançada para a sociedade em forma de códigos de posturas municipais, porém é no começo do século XX que essa força se acentua, não mais via códigos de posturas, mas pelos “bons hábitos” publicados nas páginas da imprensa. Os jornais se tornaram um meio de disciplinar os corpos, de combater a indolência, a moleza e a sujeira (JÚNIOR, 2016, p.162-163).

No que versa os cuidados com o corpo, o autor nos mostra que o controle, muitas vezes, não era restrito apenas ao discurso médico-higienista, mas que estes tomam outras proporções, sendo a imprensa um dos órgãos responsáveis por divulgar regras e cuidados com o corpo.

Desse modo, muitos deixam transparecerem na revista a preocupação das autoridades religiosas com os assuntos referentes aos comportamentos. Mas essa preocupação não é voltada apenas para Cajazeiras com a revista, a imprensa como um todo colocava em destaque os usos de determinados hábitos das mulheres. Tomando como base essas abordagens sobre como eram vivenciados pelas mulheres cajazeirenses os discursos em torno do corpo, é importante darmos visibilidade como esses inscritos poderiam contribuir para determinar os papéis sociais. Segundo Rago (2014, p.104):

No discurso médico, dois caminhos conduzirão a mulher ao território da vida doméstica: o instinto natural e o sentimento de sua responsabilidade na sociedade. Enquanto para o homem é designado a esfera do trabalho, para ela o espaço privilegiado para a realização do de seus talentos será a esfera do lar. Tudo que ela tem a fazer é compreender a importância de sua missão de mãe, aceitar seu campo profissional: as tarefas domésticas, encarnando a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família.

Assim, os discursos médicos contribuirão para legitimar os lugares tanto do feminino como do masculino, ressaltando que o privado para o feminino referia-se aos cuidados com a casa, a educação dos filhos e a manutenção dos bons costumes, assim podemos entender que caso fugissem das normas que lhes eram concedidas poderiam ser mal vistas pela sociedade e de algum modo reprimidas.

Para as autoras Maluf e Mott (1998), nas primeiras décadas do século XX, o país passava por transformações, recebendo influências como da *Belle époque*, a qual colocava uma nova forma de ver os mais variados assuntos, como a moda, os cortes de cabelo e os

comportamentos. Para tanto, deixava transparecer as formas de agir de senhoras e senhoritas, mostrando desse modo os lugares do público e privado, as mulheres passava boa parte do seu tempo cuidando dos afazeres domésticos e sendo responsável pela educação dos filhos, ou seja, a moral masculina atrelava-se ao comportamento feminino caso contrário o homem seria mal visto pela sociedade.

Mas é importante perceber que, muitas vezes, esses espaços se misturavam e para isso existe a necessidade de criar regras de comportamentos que ficassem restritas tanto para as maneiras de se comportar no privado como também no público. Portanto, o corpo recebe influências do meio no qual está inserido e os sujeitos sofrem essas transformações, ou melhor, são condicionados, assim o corpo e, principalmente, o corpo feminino recebe todo um discurso religioso pela igreja.

É importante refletirmos sobre o que Melo e Sousa *apud* Araújo (2012, p.55) afirmam a respeito da moda, que no decorrer dos anos sofre transformações e resistências no uso, além de que “a própria ideia de corpo havia sido transformada num processo gradual desde o século XIX. Segundo as autoras, a mulher se propôs a descobrir sua individualidade, apresentando inquietação, insatisfação, redescobrimo o próprio corpo”. Assim, podemos refletir que nesses processos de mudanças e como também influências da modernidade vão surgindo os controles sobre as formas de se impor das mulheres. Na Revista *flor de Liz*, percebemos alguns anúncios que ressaltam sobre esse fator, ao tempo que mostra como as senhoras devem agir sempre pautadas nas ideias da igreja.

A autora Araújo Nóbrega (2008), em sua tese intitulada “Espelho meu, agora mais bela sou eu: cartografias da história da beleza no Brasil”, coloca que até os anos 50 a beleza era considerada um dom da natureza, desse modo, percebemos que para muitos a beleza até a metade do século XX era considerado como algo natural e assim podemos refletir e nos questionar: E aquelas que não se encaixavam em determinado padrão? Acreditamos que a partir dessa falta de “generosidade da natureza”, muitas mulheres buscavam outros meios para se manterem jovens e com boa aparência. Perceber, assim como aponta Araújo (2008), que o “movimento dos corpos contribuiu decisivamente na elaboração dos significados da beleza no século XX”. O artigo “A pintura em nossos dias”, publicado em abril de 1927, tratava dos “conselhos de Yayá” que ressaltava a visão da beleza como algo natural.

Venho tratar de rostos femininos pintados de novos inventos que dia a dia cria a moda para canceira de cabeçoilas que não se contentam com serem bonitas naturalmente (...). Assim é que pelas praças e ruas cruzam caritas que seriam mimosa flor, se não fossem os caracteres de que muitas vezes as

tornam feias e até...ridículas (...) Devemos pintar-nos sim, porem com critério e moderação (FLOR DE LIZ, Abril de 1927).

Mediante essas informações, é nítido que os discursos que estão presentes na maioria das publicações da revista giram em torno de um padrão de beleza controlado pelos ditames religiosos. As escritoras recebem tais influências e acabam transmitindo os seus ideais a partir dos seus escritos, mostrando que os usos de produtos podem ser utilizados, mas condenam os exageros cometidos por algumas mulheres.

Em cajazeiras nos anos 1920 e 1930 esses conceitos ainda remetem um pouco a esses ideais, pois em seus artigos percebemos que existe uma necessidade de alertar as mulheres a atrelar os cuidados com a beleza juntamente com os princípios religiosos. A mulher que fosse bonita seria a mulher para casar, pois estaria dentro dos padrões de bela, recatada e dentro de um ideal. Desse modo, podemos perceber que a Igreja, enquanto mantedora de um ideal religioso, buscava a partir das colocações dos escritos dessas mulheres interferir na conduta das demais presentes na sociedade, por isso existia um cuidado em mantê-lo sempre dentro dos propósitos religiosos, assim seguindo os ditames.

Mediante as discussões no que tange às questões de beleza atrelando ao corpo é perceptível que cada sociedade cria ao decorrer dos tempos e a partir das suas concepções o que é considerado belo ou feio. Assim, percebemos numa das publicações da *Flor de Liz* que na sociedade dos anos 1920-1930 já existia um padrão de beleza, esse estava associado não apenas ao físico, mas as formas de como se comportar, os jeitos e maneiras de ser, ou seja, existindo toda uma sensibilidade para se perceber ou ser definida enquanto bela. A escritora Fortunata Assis, na edição de abril de 1927, expressa as definições para as mulheres da elite cajazeirense, enquanto bonitas ou feias:

Uma feia, porem delicada e amavel que a gente possa olhar (embora por pouco tempo), e desculpar com sympathy, não sei que mal pode haver em que seja uma excelente preceptora. O essencial é que ella seja competente e saiba conduzir os seus alunos pelo caminho do bem, instruil-os, educal-os, enfim que ella seja educadora de verdade. Faça-se amar aos olhos dos alunos ella será uma esplendente beleza (FORTUNATA ASSIS, Flor de Liz, Abril de 1927).

Esse artigo é intitulado “Professoras feias” na revista, o mesmo relata que as mulheres bonitas se casam e as feias seguem a profissão de preceptora. Ainda ressalta em seu anunciado que mesmo algumas mulheres não sendo bonitas podem ter a sorte de se casarem. Assim, é possível analisar que a beleza e o corpo estavam permitindo uma nova linguagem

para o feminino e os padrões que são construídos de beleza estão associados também à conduta do corpo, visto que a forma amável de aceitar a sua condição enquanto feia e de viver da melhor forma possível poderiam amenizar a falta de atributos necessários.

Para entender melhor sobre os critérios de ser feia nessas primeiras décadas do século XX, Del Priore (2014, p.113) nos aponta que esse debate sobre concepções de beleza estava inserido na imprensa, em jornais e revistas. perpassado por um discurso higienista. A autora traz em seu livro “Histórias Íntimas” uma publicação da Revista Feminina de outubro de 1920: “As feias [...] não devem fingir-se belas. Contentem-se em ser feias, tratem de educar seu espírito, de viver higienicamente para adquirir saúde, de nutrir-se convenientemente, de ser simples, bem-educadas e meigas”.

No que versa os debates sobre a beleza nos impressos é notório que existia um padrão em Cajazeiras no século XX, beleza essa que, muitas vezes, os escritos da revista colocam como algo de ordem natural, as mulheres não precisavam usar de muitos artifícios. Mas as feias, como já foram citadas, teriam que ser amáveis e simpáticas, as bonitas também deveriam se encaixar nesses jogos sensoriais, porém tornasse uma exigência maior das que não fossem consideradas enquanto belas.

É fundamental compreendermos como a ideia de beleza surge e quais são seus mecanismos de divulgação, sendo que ela era vista como uma “aceitação social”. Nesse contexto também surgem os produtos que possibilitavam ser bela ou torna-se bela, além disso, os discursos eram importantes, visto que para a igreja a beleza estava associada às formas de se expressar, ou seja, algo voltado para o divino e, assim, podemos relatar que a revista foca muito nos ideias de moral, conduta e beleza. Essa beleza, muitas vezes, era discutida na imprensa, jornais e, principalmente, revistas que traziam em suas colunas diversos artigos que permitiam ver como era abordada nos periódicos.

Dentro das edições analisadas e que tivemos acesso, 1926, 1927, 1930 e 1931, podemos observar que a maioria dos números traz em suas capas e no corpo do texto imagens das editoras e de mulheres da elite em momentos comemorativos. Na edição de 1926-1927, a revista apresenta numa das suas páginas a vencedora do último concurso de beleza realizado na cidade de Cajazeiras-PB.



Revista Flor de Liz, Dezembro de 1926, Anno 1, Nº 1.

A vencedora do concurso de beleza foi senhorinha Mundinha Coelho, a imagem traz um rosto angelical, com olhar firme e sorriso fechado. É possível percebermos seus usos com relação às tendências da moda, mesmo a imagem não mostrando seu corpo inteiro. É visível também que a mesma está usando um belo vestido, seu cabelo deixa transparecer um gosto de boa parte das mulheres da época, ou seja, o corte de cabelo mais curto. Tendo em vista que a mesma pertencia à elite cajazeirense, assim como as demais que escreviam para a revista, as imagens expostas seriam uma forma de se promover, mostrando para suas leitoras seus modos e gostos, ou seja, essas imagens seriam colocadas como forma de transparecer para as demais mulheres as expressões dessas senhoras, seus sorrisos angélicos, jeito doce e de faces meigas. Para compreendermos melhor o trato com as imagens e como muitas vezes fazemos uso para análise, trazemos a opinião Paiva (2004, p.19-20):

A imagem não é um retrato de uma verdade, nem a representação fiel de eventos ou de objetos históricos, assim como teriam acontecido ou assim como teriam sido. Isso é irreal e muito pretencioso. A história e dos diversos registros históricos são sempre resultados de escolhas, seleções e olhares de seus produtores e dos demais agentes que influenciaram essa produção.

Desse modo, as imagens das mulheres colocadas nas capas e no corpo do texto da revista não são neutras, elas representam uma época e um espaço, gestos, expressões como também as formas de cada sociedade refletir sobre seu viver, modos e desejos pessoais, assim como a beleza reproduzida na imagem pode demonstrar as sensibilidades de um período.

Contudo, ao colocar as imagens como também ao escrever sobre diversos temas como a beleza na revista, essas mulheres permitiram perceber um novo espaço de produção no que

tange à beleza e este nos leva a analisar suas experiências e sensações que eram vivenciadas em Cajazeiras nas décadas de 20 e 30.

Para tanto, a revista traz em seus enunciados mais que simples informações, é possível perceber outros espaços de divulgação encontrados nos discursos de pensar um ideal de beleza atrelado ao corpo. Afinal, o que era ser belo em Cajazeiras nos anos 1920-1930? Podemos refletir a partir dos discursos que as concepções de beleza estavam em suma atreladas à educação, aos comportamentos do corpo e suas essências naturais. Por isso, muitos dos discursos religiosos estão associados a um ideal de beleza no qual a mulher não precisaria de muito e nem de exageros, deveriam ter os cuidados necessários, estando situados dentro dos padrões higiênicos ditados nessa época que já vinham expressos na sociedade.

Esses padrões eram revestidos por roupas e cuidados pessoais que faziam parte do cotidiano dessas mulheres, estas vivenciavam Cajazeiras nos seus mais variados aspectos culturais e nos diferentes espaços (ruas, igrejas, praças, cinemas, clubes, entre outros) que muitas vezes poderiam estar relacionados ao cumprimento das obrigações do lar e fazendo desse um porto seguro para os filhos e maridos. Ou seja, a moda, o corpo e a beleza expõem seus anseios nos mais distintos ambientes, nos quais essas mulheres se faziam presentes.

### **3. ROSTOS NA MODA: IMAGENS DE SI COMO POSSIBILIDADE PARA O SENSÍVEL**

#### **3.1 Imagens fotográficas na Flor de Liz: corpos e expressão visual**

As mulheres da elite cajazeirense utilizavam muito mais que apenas lápis e papel, seus escritos deixavam nas entrelinhas uma Cajazeiras sentida de formas particulares, assim experimentando cada espaço e colaborando para um novo olhar dos seus leitores e leitoras. Desse modo, entre os rituais religiosos e os afazeres domésticos outros interesses se faziam presentes, entre eles publicar na revista e mostrar para as demais mulheres cajazeirenses os prazeres encontrados nos lares, na religião e nos avanços modernos, porém conservador.

Assim, tentamos compreender a partir do periódico como era viver, sentir e se comportar enquanto mulher e como os seus sentimentos eram e poderiam ser sentidos e compartilhados dentro do modo no qual as mulheres deveriam se encaixar. Sendo assim, podemos perceber que determinados dispositivos como, por exemplo, a moda poderia influenciar nas suas formas de perceber a sociedade. Ao analisarmos a revista é possível vermos que essa era controlada pelos interesses colocados dentro dessa sociedade, como também das próprias mulheres que a partir de suas particularidades se expressavam dentro do contexto, compartilhando mais que leituras, compartilhando sentidos. Desta maneira partilhando da ideia de Pesavento (2007, p. 21), acreditamos que “recuperar sensibilidades não é sentir da mesma forma, é tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de um outro tempo pelo rastro que deixou”.

Desse modo, enquanto sujeitos que buscam compreender um pouco mais desse contexto no qual essas mulheres estavam inseridas e perpassavam as mais variadas relações, pretendemos compreender como os usos da moda expostos nos textos dos periódicos, a partir de imagens fotográficas, podem dar possibilidade para vermos emoções vividas. Sendo assim, não cabe a nós trazermos o passado de volta ao falar dessas mulheres, mas dar visibilidade para que elas possam contar um pouco mais dos seus jogos sensoriais.

A imagem fotográfica colocada na Revista Flor de Liz nos permite conhecer um pouco mais sobre essas mulheres nas mais variadas formas, sejam para divulgar acontecimentos, anúncios, aniversários, para ilustrar as notícias, eram algo presentes no corpo do texto. É nesse meio que surgem imagens de homens, mulheres, prédios e objetos variados. No entanto,

como forma de análise para compreendermos um pouco sobre as experiências sensíveis das mulheres na *Flor* e como a moda torna-se possibilidade para essa discussão a partir dos seus usos, utilizaremos algumas das imagens de mulheres divulgadas na revista.

Pensando nos lugares que eram colocados para homens e mulheres no contexto dos anos 1920-1930 na Paraíba como também o processo de modernização que se apresentava na cidade de Cajazeiras, é plausível de análise perceber como os rostos femininos se expressavam no periódico, tendo em vista que a imagem fotográfica traz consigo toda uma intencionalidade e ao ser exposta na revista existia um interesse de quem as colocavam, o que nos levam a pensar as mesmas além do anúncio de aniversário, mas uma forma de expor no corpo do texto uma leitura de si, dos sentidos. A foto nos permite revelar momentos, expressar emoções e, por traz do rosto e da postura das jovens senhoras e senhorinhas existe um mundo e é nesse mundo de sensações que convidamos os nossos leitores a adentrar na *Flor de Liz* e, portanto, conhecer um pouco sobre essas mulheres.

Mulheres essas que sentiam, amavam e tinham anseios, que estavam em contato com as mudanças modernizadoras, porém eram também conservadoras. É relevante que mesmo influenciadas por discursos religiosos, pela sociedade e compartilhando em sua maioria dos mesmos, nada impede que estas escrevessem sobre seus gostos e desejos. Isso se torna evidente quando na revista está presente um discurso sobre o uso do corte de cabelo, então, percebemos que na maioria das imagens publicadas a figura da mulher aparece fazendo apropriações do modelo a *la garçonne*.

É na tessitura das imagens colocadas na *Flor* que o vivido dessas mulheres torna-se visível, cada fotografia traz uma riqueza de detalhes que assim nos permite perceber as visibilidades e o dizível que as mesmas podem nos conduzir. Enfim, focaremos nossos olhares para os retratos destas mulheres na revista, uma maneira subjetiva de buscar a partir das nossas experiências contemporâneas e como coloca Silva (2000) ver “lugares de sedução, visibilidade que as mulheres alcançam na época moderna”. É nesse emanar de possibilidades que levantamos alguns questionamentos sobre os padrões que eram predominantes, como os gostos pela moda, as apropriações e como a beleza estava relacionada a esses usos.

A Revista *Flor de Liz*, mensalmente ilustrada, trazia em seus textos vários aspectos e informações relevantes sobre Cajazeiras nos anos de 1920-1930. Como já foi citado nos capítulos anteriores, a revista torna-se expressão do progresso para a cidade, assim enquanto revista ilustrada toma destaque pois permite ao leitor um contado mais próximo entre as notícias escritas, dando uma nova linguagem para compreensão dos fatos. Para Costa (1993, p. 70)

As revistas ilustradas marcaram sua diferença em relação à imprensa diária através do apelo das imagens, consolidando o processo de massificação da fotografia iniciado em meados dos séculos XIX. Estas revistas assumiram um papel de crescente importância até o início dos anos 1950, inundando a sociedade contemporânea com uma quantidade e uma variedade sem precedentes.

É importante ressaltar que a ilustração em alguns periódicos possibilitou um aumento maior na diferenciação entre os demais impressos presentes nesse contexto, assim acreditamos que as imagens empregadas fazem com que a curiosidade do leitor seja despertada pelos mais variados temas.

A utilização de fotografias de mulheres escolhidas por mulheres na Revista *flor de Liz* nos faz pensar sobre o contexto e as sociabilidades da época, pois segundo Corbin (s/d, p.09) cada sociedade vive no interior de um arcabouço temporal. Nesse sentido, pensar os modos, a moda e como as mulheres buscavam viver essa Cajazeiras, é algo que está além dos espaços, das fronteiras, percebendo emoções e experiências que são individuais, mas também compartilhadas.

Então, para adentrarmos nesses sentidos perpassados pelas imagens fotográficas é relevante nos questionarmos sobre o ato fotográfico: Por que a importância da imagem de si? Quais os interesses e emoções estavam inseridos no desejo de guardar ou expor para si determinadas fotos? Por quais motivos eram motivadas as mulheres da elite Cajazeirense ao expor suas fotos? Assim, essas perguntas fazem com que possamos entender e analisar as imagens, tendo em vista que a imagem não fala por si só e é preciso que perguntas sejam feitas.

A partir dessas questões, buscamos como aponta Corbin (s/d) perceber não as causas das mulheres colocarem suas fotos ou permitir serem expostas, mas os sentidos da escolha. Toda via, pensarmos esses sentidos é pensar as relações constituídas e os arranjos formados nesse meio, assim existindo toda receptividade dos que expõem as imagens como também dos receptores. A esse respeito, Mauad (2005, p.134) afirma que “O papel dos sujeitos sociais como mediadores da produção cultural, compreendendo que a relação entre produtores e receptores de imagens se traduz numa negociação de sentidos e significados”, assim nesse meio de produção da revista as imagens nos aparecem muito além da ilustração.

A partir dessa linguagem visual que as imagens fotografias nos permitem ver e analisar, buscamos compreender os jogos sensoriais presentes nas imagens analisadas. Para tanto, tomamos como base Mauad (2005) que nos apresenta uma discussão sobre o trabalho

com a fotografia em revistas do Rio de Janeiro na primeira metade do século do XX. A autora afirma que as imagens nos contam histórias (fatos/acontecimentos), atualizam memórias, inventam vivências, imaginam a história. Assim, é importante percebermos antes da análise das imagens fotográficas das mulheres na revista, como as mesmas se colocavam em torno dos usos da fotografia e as apropriações em torno dos estilos voltados para corpo e beleza.

Para tanto, usando de imagens femininas presentes na revista, podemos compreender um pouco sobre os sentidos, para isso é preciso levantar alguns questionamentos: Quais os gestos expressos nas imagens? Quais os reflexos da moda foram expressos? Quais as apropriações? Para tal análise, escolhemos algumas imagens femininas presentes nas capas como também no corpo do texto. Na edição da revista de junho de 1930, as autoras colocam na capa a fotografia de D. Joanninha Freire, a mesma era “Digna” esposa do Sr. Raymundo freire e fazia parte de uma das secções da Ação Social Católica Feminina.



Flor de Liz, Anno IV, N° 7, junho de 1930.

O uso da imagem aconteceu em decorrência da passagem do seu aniversário, os artifícios presentes na imagem nos possibilita perceber que ela era pertencente à elite cajazeirense, visto o uso de vários acessórios, entre eles, brincos, colares, broche no cabelo como também uma vestimenta rica em detalhes; seu rosto tem traços marcantes e a mesma se apropria do corte de cabelo a *la garçonne*, que por muito tempo esteve em uso na cidade Cajazeiras-PB.

Contudo, na edição de agosto de 1927 intitulada “Cabellos...longos” quem escreve narra experiências vividas em outro país, mas desperta o interesse das leitoras. Além disso, discorre sobre o uso do cabelo longo na Espanha, relatando que “qual, porém, não foi o espanto, de toda cidade, quando verdadeiro batalhão de belíssimas espanholas se apresentou

no concurso com bastas e lindíssimas cabeleiras...”. Dessa maneira, as autoras nos permitir entender que mesmo estando em uso o corte curto, o longo era visto por algumas mulheres como os mais bonitos ou conveniente. Na revista e nas fotografias de si, as mulheres pertencentes à elite cajazeirense apresenta o modelo a *la garçonne*, mostrando que mesmo vivendo em uma conjuntura que determina regras do que fazer ou não fazer, tentavam adequar a moda aos seus gostos. No mês de abril de 1927, a escritora Cynthia publica sobre o uso do corte de cabelo a *la garçonne* e expõe sua opinião sobre essa polêmica.

E não é isso uma questão de gosto? De gosto de hygiene, de commodismo, sim mas não só por qualquer uma dessas causas. Usa-se o cabelo cortado simplesmente porque é moda: a moda quiz e nada mais. [...] julgo que a mulher é que imprime, nas suas modas, nos seus uzos, o chic, a moral, a distincção que lhe são especiaes (FLOR DE LIZ, Abril de 1927).

Desse modo, compreendemos que os gostos se faziam presentes e eram sentidos pelas mulheres, gostos esses que se refletem nos cortes de cabelo, nas formas de se vestir, nas próprias maneiras de fugir das regras que, muitas vezes, buscavam manipular os corpos. Ao olharmos a foto não podemos afirmar que na fotografia de Joanhina Freire, ela estivesse com os cabelos cortados, pois Cynthia dando continuidade ao seu artigo também nos apresenta que “a mocinha vaidosa ou madame elegante, arranjavam geito, procuravam enfeite de maneira que os seus cabellos imitadores do a *la garçonne*”. Sendo assim, podemos ver que de algumas maneiras essas mulheres buscavam estratégias para expressar seus gostos, seja no corte, no uso do broche ou na maneira de prendê-lo.

Ao pensar o sensível a partir do uso das fotografias femininas, podemos dialogar com Pesavento (2007, p.20), pois esta afirma “(...) que sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidade do espaço construído”. Assim, o uso da fotografia pode nos revelar perspectivas que passam muitas vezes sem percebermos como, já fora mencionado, o corte de cabelo que mesmo existindo falas na qual determinava os modos e as modas, as mulheres buscavam dentro de suas limitações fazer o uso do mesmo.

Com relação à produção de imagens fotográficas em Cajazeiras e a publicação na *Flor de Liz*, percebemos que já existia uma grande preocupação visto que em quase todos os números analisados encontramos a divulgação da “Photographia modelo”, sendo proprietário o senhor J. Magalhães. No anúncio estava expresso da seguinte forma:

“J. Magalhães proprietário dessa fotografia tem o prazer de oferecer ao distinto público desta cidade os seus serviços photofhicos, garantindo que executará qualquer trabalho que lhe for confiado com presteza, cuidado e asseio para o que dispõe de longa prática, ainda ressalta trabalhos nítidos, expressos e inalteráveis por processos moderníssimo, produz coloridos e ampliações em todos os tamanhos. Preços Convidativos (FLOR DE LIZ, Ano I, março 1927).

Dessa forma, entendemos que a utilização da fotografia era tida como um signo presente do moderno e que a cidade nas décadas de 1920-1930 já fazia uso, porém nem toda comunidade poderia usufruir desse aparato tecnológico, tendo em vista os preços. Assim, a revista traz fotos variadas de fotografias de mulheres e homens, estes ocupavam cargos importantes na cidade como, já foram citados anteriormente, médicos, políticos, comerciantes e padres; enquanto as imagens femininas aparecem na condição de professoras ou relacionadas aos pais ou esposos. A imagem seguinte que observamos é a fotografia de Elita Cabral, presente na edição de abril de 1927 que informa “a inteligente senhorinha Elita Cabral gentil filha do casal Dr. Genesio Cabral e D. Douralice Cabral”. A mesma tem a imagem divulgada em decorrência do seu aniversário, para muitas jovens este acontecimento comemorativo seria um momento único, pois suas imagens poderiam estar estampadas em alguma capa da revista.



Flor de Liz, Anno IV, N° 4-6, Abril de 1930.

A fotografia está em preto e branco, provavelmente traz a imagem de uma senhorinha da elite cajazeirense. Podemos descrever toda uma riqueza de detalhes, desde o laço na cabeça que poderia representar o sinal de pureza da jovem, o corte de cabelo, como também o banco

sendo o local que a mesma senta para fazer uma pose. Assim, a imagem transmite toda uma sensibilidade, desde a escolha da roupa até o ângulo da foto, ou seja, existe todo um ritual até chegar ao clique do fotógrafo.

Pelo enunciado na coluna da revista a jovem provavelmente é solteira, isso é possível de análise, pois geralmente as senhoras casadas traziam o nome do esposo, sendo que Elita é apresentada apenas como “filha do casal...”. Pelas características da foto em comparação com as demais imagens femininas expostas nesse capítulo, a jovem aparenta ser bem mais nova, assim usando da sua mocidade a imagem passa uma inocência e pureza, trazendo uma beleza singela, meiga e com recanto de delicadeza. Isso é perceptível até mesmo pelo uso da roupa, pois essa tem menos detalhes e cor mais suave, possivelmente branca. Nesse sentido, podemos analisar que ao colocarem a foto da senhorinha na revista, as mulheres tinham ideais de pureza, beleza e conduta que eram repassados no periódico.

Logo as fotografias usadas na revista nos deixa brecha para percebermos as diferenças colocadas entre os sujeitos e os espaços ocupados, mostrando o reflexo da vida de homens e mulheres que habitavam Cajazeiras nas décadas de 1920-1930 e; faz-nos refletir sobre as relações de gênero que estão atreladas na sociedade e como as regras, os discursos e as instituições podem contribuir para a diferença entre os indivíduos, assim determinando o que é ser homem e o que é ser mulher. Discutindo sobre esses lugares enquanto construção das identidades para o feminino e o masculino, Louro (1997, p.28) afirma que:

É possível pensar as identidades de gênero de modo semelhante: elas também estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculino ou feminino, arranjos e desarranjos seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se, não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transforma-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades, de raça e de classe... (LOURO, 1997, p.28).

Portanto, as formas como os lugares para o feminino e o masculino eram constituídos na Revista Flor de Liz ficam evidentes nas edições que tivemos acesso, entre elas: 1927, 1930 e 1931. Podemos observar que as imagens predominantes são masculinas, aproximadamente 49 de homens e 21 de mulheres, dentro do texto várias imagens se repetem e muitas se misturam. Assim, o que nos leva a questionar: Por que a maioria é masculina? Acreditamos que em consequência das profissões ou cargos na cidade serem ocupados por esses homens, as carreiras variavam entre médicos, políticos, comerciantes e padres, sendo que esses

ocupavam os espaços do público e as fotografias presentes na revista estavam voltadas para os anúncios em torno das suas funções e dos lugares que os mesmos ocupavam.

Nesse sentido, visualizamos um desejo dos sujeitos ao escolher para si quais imagens seriam expostas na revista e suas finalidades. Sabendo que a mesma atingiria grande público e suas fotos seriam vislumbradas por outros meios é evidente que existia um trato para escolher a melhor foto. A respeito da fotografia, Borges (2003, p. 40) afirma que:

Parte significativa da fotografia, profissional e/ou amadora, passou pela confecção de retratos de indivíduos cujo desejo era transcender os muros do anonimato erigido pelo ritmo acelerado e voraz da modernidade. Desde cedo o retrato fotográfico se colocava como prova material da existência humana, além de alimentar a memória coletiva de homens e mulheres e de grupos sociais.

A autora nos dá a possibilidade de visualizar os retratos enquanto mecanismos de respaldo, ou seja, aos se apropriarem deles os sujeitos fazem escolhas, podendo fazer suas seleções e expor o melhor que podiam oferecer. As fotografias colocadas na Revista Flor de Liz podem contribuir para a saída do anonimato de homens e mulheres, tendo em vista que a mesma circulava na Paraíba, assim outros espaços poderiam vir a conhecer esses indivíduos. No entanto, buscamos perceber as fotografias como produtoras de sentidos, atrelando-se às relações sociais.

### 3.2 Rostos femininos na Revista Flor de Liz

Extraír por meio das imagens fotográficas presentes nos periódicos um pouco das visibilidades e sensibilidades das mulheres da elite cajazeirense não é fácil, pois somos perpassados por desejos e olhares atuais. Assim, é importante treinar o nosso olhar para buscarmos entender os sentidos que levavam as mulheres a expor suas imagens na revista como também o que vinha antes da pose, ou seja, o ato de se fotografar permitia a fixação de um determinado momento bem como para mostrar a aquisição de um produto que se tornava expressão do moderno, logo ter para si uma foto seria uma maneira de permanecer viva uma lembrança.

Dessa maneira, para entender os usos que vinham antes da escolha da imagem para ser divulgada pelas mulheres na revista é necessário compreender um pouco sobre as técnicas de

produção, que a nosso ver tornava-se algo além do desejo pela produção, mas o anseio de propagar para si uma imagem de um determinado momento vivido. Assim, Mauad (2005, p.136) possibilita essa discussão ao nos apontar possibilidades de se trabalhar com fotografias:

O ponto de partida é compreender a natureza técnica do ato fotográfico a sua característica de marca luminosa, daí a ideia de indicio, de resíduo da realidade sensível impressa na imagem fotográfica. Em virtude desse princípio, a fotografia é considerada como testemunho: atesta a existência de uma realidade.

Percebemos que algumas mulheres estavam sensíveis às transformações que a cidade estava passando, como os processos de modernização. Desse modo, viver e se expressar nessa conjuntura era algo pelo qual buscava boa parte das mulheres, dentro desses princípios a mulher buscava formas de vivenciar esses contextos na moda, na religião e nos lazeres.

Assim, percebemos que mesmo compartilhando do mesmo contexto as mulheres da Revista *Flor de Liz* tinham suas particularidades, desejos, alegrias, medos e gostos que nunca eram são sentidos da mesma forma. Luna (2012, p. 20) relata que no contexto da modernidade vivenciado na Paraíba no século XX, “a modernidade torna-se anseios de muitos”. Dessa maneira, podemos perceber que nessa conjuntura de mudanças outros sentimentos vão se constituindo como os medos, as angústias e as inseguranças, pois todas as transformações que a Parahyba como também Cajazeiras estavam vivenciando são perpassadas por sujeitos que muitas vezes sentem receio pelas mudanças na sociedade, mas que mesmo assim buscavam vivenciá-las dentro dos modos possíveis.

Nessa conjuntura, as mulheres iam se fazendo presentes a partir dos seus escritos em revistas e em jornais. Na *Flor de Liz* algumas escritoras divulgavam suas imagens, escolhemos duas fotografias que trazem senhoras pertencentes ao periódico, entre elas respectivamente, Rosinha Mendes, secretária da revista e Fortunata Assis, esta escrevia diversos artigos para a revista. Ambas são mulheres da elite, casadas e que nos traz em seus retratos toda uma elegância, postura e olhares. Rosinha Tavares faz uso de joias e um vestido aparentemente branco, seu olhar está distante; diferentemente Fortunata não utiliza joias, mas usa um vestido com detalhes em flores e direciona para um ponto fixo. Essa escritora tem seus artigos expostos na revista e a maioria envolve assuntos relacionados à beleza e como deve ser aquelas que não são consideradas bonitas. Notamos também que em ambas as fotografias essas mulheres buscavam outros olhares que não eram a do maquinário, essas poses são predominantes na época e caracteriza esse modelo.



D. Rosinha Mendes Tavares esposa do sr. Thomé Mendes Ribeiro e nossa incansável e bondosa secretária que aniversariou no dia 14 de Novembro.

Flor de Liz, Anno IV, Nº 10-11, Out 1930.  
D. Rosinha Mendes Tavares



Flor de Liz, Anno IV, Nº 10-11, Out 1930.  
Fortunata Assis

Perceber esses sentidos e sensibilidades relacionados à Revista Flor de Liz nos leva a caminhos desconhecidos, mas instigantes, no qual a câmera subjetiva nos convida a percorrer. Assim, vemos que para se chegar à determinada fotografia existiria uma escolha, esta estava correlacionada a todo um ritual desde a escolha da roupa, dos acessórios, ângulo e olhares, enfim, desde o ato de ser fotografada até escolher a foto para ser divulgada, essas mulheres eram transcorridas por anseios e intencionalidades. Para tanto, sabendo do avanço da revista em Cajazeiras como também em outras localidades, essas mulheres tornavam-se visíveis em outros meios a partir do escrito e das imagens. Sendo assim, o espaço do privado torna-se público e essas mulheres criavam certa visibilidade a partir das imagens de si, tendo em vista que os espaços e limites dedicados a mulheres estavam atrelados aos cuidados domésticos e dos filhos.

Mauad (2005, p.136) ressalta que “(...) há de se considerar a fotografia como uma determinada escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis, guardando nessa atitude uma relação estreita com a visão de mundo daquele que aperta o botão e faz clique”. Aqui vemos que o fotógrafo escolhe o melhor ângulo para sua fotografia, mas as mulheres também poderiam escolher, dentro das suas limitações, a melhor foto e expor nas edições publicadas pela *Flor de Liz*. Nas imagens abaixo, podemos visualizar duas fotografias de jovens Cajazeirenses: Turquinia Albuquerque e Adazgisa Reis, moças que são expostas na revista em decorrência da formação da turma de novas professoras da escola Normal. Elas são parabenizadas pela conquista e pelo mérito de se tornarem educadoras na cidade.



Flor de Liz, Anno I, N° 12, Nov. 1927  
Adazgisa Reis



Flor de Liz, Anno I, N° 12, Nov. 1927  
Turquinia Albuquerque

É notório que ambas são moças da elite, seguem um padrão de beleza. Adazgisa usa acessórios como o broche e colar, o vestir nos chama atenção, pois diferentemente das outras fotografias, a jovem deixa transparecer um pouco do colo, possivelmente essas vestimentas estavam adentrando os espaços da cidade e despertando os interesses das moças. A fotografia de Turquinia Albuquerque distingue um pouco das demais por causa da posição que o fotógrafo utiliza, ela utiliza joias e, assim como as fotos anteriores, segue um olhar distante. Ambas expressam rostos sérios e sorriso fechado, dando uma sensação de melancolia.

Sobre esses rostos femininos e suas formas de expressar nas imagens, Luna (2012, p.26) comenta que, nesse sentido, o desvio do olhar ou mesmo ausência de sorrisos, certamente é um jogo de apropriações que busca mostrar apenas o que convém ser revelado. Tudo isso, transcorridos por formas de sentir e maneiras de ser na cidade de Cajazeiras nos anos de 1920-1930. As fotos demonstram uma particularidade feminina, essa expressa uma sedução, olhares misteriosos e rostos sedutores, ao tempo que tudo isso se completa na delicadeza e nos modos de agir.

As imagens das senhoras e senhorinhas que selecionamos apresentam uma característica comum com relação à técnica, todas apresentam apenas a parte do colo e rosto, assim percebemos que na revista a predominância era esse tipo de imagem fotográfica. Sobre o uso dessas técnicas, Luna (2012, p.26) comenta que quase todos os retratos em plano americano, o jogo de luz e sombra privilegia o rosto e o coloca com foco destas imagens. O

que Deleuze *apud* Luna (2012, p. 26) chama na cultura Ocidental de rostificação, ou seja, o rosto como registro e visibilidade das emoções.

Para entendermos melhor as posturas das mulheres nas fotos e as técnicas usadas pelos fotógrafos nesse contexto, Silva (2011, p.26) explica que “a maioria são em planos americanos o corpo comumente está levemente lateralizado, os fundos são escuros, sorrisos raramente aparece e o olhar quase não fita a câmera, quanto a este padrão há poucas exceções”. Nesse sentido, os rostos fotografados traziam mais que simples olhares, poderiam passar sentidos, estes atrelados às formas e aos modos de se expressar, tanto na revista como também para a sociedade.

Os corpos femininos que surgem nas fotografias permitem vislumbrarmos um dos mecanismos presentes na sociedade cajazeirense que seria a moda, esta se relaciona em seu contexto com o corpo e os padrões de beleza existentes no período. Assim, pensar sobre eles a partir das imagens colocadas na revista é uma forma de analisarmos que além do ideário de belo ou feio, existia um interesse de se colocar, pois acreditamos que seria uma forma de adentrar outros espaços, saindo assim do espaço do doméstico e atingindo “locais masculinos”, tendo em vista que a revista poderia ter uma boa circulação.

Todos esses artifícios percebidos nas fotos femininas nos possibilita ver que a moda e as apropriações feitas pela mesma eram presentes em Cajazeiras e, também debatidas na Revista Flor de Liz como expressão de modos e comportamentos acionados por mulheres na cidade. Pensar a moda relacionada com os retratos e analisar um pouco dos usos e, principalmente, ver o sensível que se relaciona com a mesma, pois não é apenas a indumentária, mas como esta é produto de uma sociedade e que ao usá-la, os sujeitos estão se colocando enquanto receptores da mesma. A esse respeito, Lipovetsky (2010, p. 207) aponta que “no coração do individualismo contestador, há o império da moda como trampolim das reivindicações individualistas, apelo à liberdade e a realização privadas”. Desse modo, podemos perceber a moda como algo que expressa gostos e vontades, assim os indivíduos podem tomar para si determinados formas de vestir, mesmo que as receptividades muitas vezes não fossem bem vistas pela igreja católica.

Como a percepção das mulheres e suas vivências a partir dos escritos na revista já foram discutidos nos capítulos anteriores, tentamos perceber um pouco os usos e as apropriações do vestuário a partir das imagens divulgadas por elas na revista. Nos escritos da revista percebemos uma preocupação com os cuidados com a beleza, no artigo de janeiro de 1927 ao escrever sobre os concursos de beleza, a autora afirma que “dir-se-ia que as próprias letras sagradas estimulam a mulher a se preocupar de sua beleza”. Além disso, reforça “não

raro as mulheres que se nos propõem como modelo, utilizaram-se dela para grandes bens”. Dando continuidade ao artigo, a mesma expõe que “frequentemente são os conselhos das mais autorizadas vozes da igreja, no sentido de se fazer a mulher agradável pela sua formosura a seus esposos”.

Desse modo, percebemos que o ideário de beleza presente em Cajazeiras está também relacionado ao discurso religioso, a mulher bela deve se manter bonita para agradar ao marido e essa beleza devia ser usada para tais finalidades, quando usada de forma contraditória é colocada como algo ruim. Nesse artigo, a autora relata que o concurso de beleza “quase nenhum mal existe”, o que pode ser prejudicial não é “o concurso de beleza: é a maneira como se trata dele”. Logo, “ao que elas têm de mais sagrados é o próprio pudor”, esse que associamos a honra e a fidelidade para com o esposo e a família, pois desse modo percebe o controle mantido pela religião, as mulheres recebem e compartilham de algumas ideias sobre os cuidados com o corpo e expressam para as demais leitoras as satisfações em ser bela e seguir dentro dos padrões necessários. Para Silva (2000, p.98):

Assim é que a prática de posar para a câmera, assim como a da escrita, torna-se um movimento possível e mesmo exigido às mulheres como referência de seus lugares de sociais, signo de civilidade e do moderno que se instaura com força na vida burguesa, buscando responder aos anseios de construção de uma identidade.

As imagens femininas na revista tomam certo destaque e nos permite perceber entre os indícios possíveis outras formas de leituras. A beleza física estava atrelada a manutenção do caráter, ou seja, ser bela e manter-se bela e viver a moda era pertinente deste que a função da mesma estivesse dentro dos ditames religiosos e princípios familiares, no qual zelava pela moral e pelos bons costumes.

Por fim, questionamos: O que essas mulheres retratadas tinham em comum? Essas mulheres compartilhavam normas, dividiam ideias, escreviam para uma mesma revista, estavam associadas a Ação Social Católica Feminina, cuidavam dos lares e educavam seus filhos e se interessavam pela moda. Porém, se diferenciavam a partir dos seus desejos pessoais, pois sentem de formas particulares, por isso ao se pensar as fotografias femininas não podemos ver apenas a imagem, mas todo um enunciado no qual engloba as experiências particulares, sentimentos e sensibilidades de uma época que não é a nossa. Mas que ao olharmos a fotografia surge toda uma inquietação para refletirmos sobre esses usos e como ao posar para foto, usar o melhor vestido e colocar em seu corpo os acessórios necessários para

deixa-las ainda mais elegantes, tornou-se possível perceber as imagens de si como uma linguagem visual para se pensar o sensível.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizamos neste trabalho uma análise dos escritos femininos presentes na Revista Flor de Liz e como estes possibilitaram adentrar nos espaços do sensível, percebendo a revista não apenas como mera divulgadora de informações ou responsável apenas pelos anúncios do ideário do progresso pelo qual a cidade estava passando, no caso a modernidade. Mas essa trazia consigo em seus enunciados toda uma conjuntura que tornou possível, alcançar nas entrelinhas, espaços nos quais eram conjugados de experiências sensoriais, onde indivíduos sentem, amam, anseiam e vivem Cajazeiras dos anos de 1920-1930.

É em meio as suas vivências que mulheres da elite cajazeirense organizavam a revista e nela abordava os mais variados temas, atingindo um público que não ficava restrito apenas as mulheres, sendo que homens escreviam e liam a mesma. É relevante para compreendermos essas análises, ver como estava inserido na revista os valores atribuídos para o masculino e o feminino, tendo em vista que muitos artigos eram escritos por homens e esses deixavam transparecer as suas vontades. Assim, o sensível das mulheres estava perpassado por essas relações e discursos.

Nesse sentido, os seus enunciados circulavam pelas ruas, praças e lares, espalhando o cotidiano de homens e mulheres e dando visibilidade para que outros sujeitos pudessem conhecer e compartilhar não apenas objetos ou signos do moderno no qual é apresentado pela *Flor de Liz*, mas vivenciavam gostos, usos e vontades.

Isso se tornou possível a partir dos artigos escritos na revista como também no recorte das fotografais. Buscamos utilizar imagens de mulheres que faziam parte da organização e produção da revista como também de mulheres presentes na sociedade cajazeirense que eram pertencentes à elite. Assim nessa tessitura, foi possível refletir que as fotos trazem toda uma sensibilidade, envolvendo escolhas e recortes, usos e desusos, ao divulgar suas imagens. Outros desejos se constituem e se tornaram plausíveis para serem pesquisados, assim imergimos em outros espaços que não eram o nosso e buscamos de alguma forma dar ressignificação para os escritos femininos contidos na revista.

A revista tornou-se mecanismo de expressão em que os sujeitos adentravam outros espaços, no caso das mulheres é possível analisar que elas seguiam alguns modelos e usos que eram muitas vezes contra alguns ditames presentes nos discursos religiosos. Contudo, é reflexível perceber que as mulheres buscavam viver essa modernidade, mas dentro do que seus princípios conservadores acreditavam serem corretos. Mesmo assim, isso não impede

que elas tivessem percepções de mundo, ideias particulares, pois como foi discutido ao longo do trabalho cada sujeito sente e vivencia nas suas particularidades.

Sabemos que muitas vezes esses sentidos tornam-se compartilhados, compreendemos que os sujeitos sentem diferente, assim essas mulheres percorrem outras localidades, entram em outras fronteiras na sua caminhada, deixam um pouco de si. Assim, o dizível tanto no texto como na linguagem das fotografias, a partir das análises realizadas e os rastros nos textos do periódico deixam uma brecha para pensarmos sobre as experiências femininas.

Tentar fazer essa escrita foi o que pretendemos. Muitas questões e possibilidades foram excluídas dessa pesquisa, outras sem dúvida poderiam ser mais aprofundadas. No decorrer do trabalho muitas leituras foram deixadas de lado não porque não fossem importantes, mas porque tínhamos que fazer um recorte. As escolhas implicam em deixar outras possibilidades pelo caminho, pesquisar e produzir foram desafios, mas um desafio bom. O nosso trabalho foi fruto de uma historiadora que também está se descobrindo.

Portanto, o nosso olhar e reflexões sobre os escritos femininos nos possibilitaram a partir das frações deixadas pelos rastros, juntar e dar significados às partes do texto nas revistas. Assim, pesquisar sobre as sensibilidades é algo sutil, difícil de ser capturado, traduzindo emoções e valores que não são mais os nossos (PESAVENTO, 2007). Nos desafios colocados ao se pesquisar sobre o sensível somos convidados a ir além, e foi nesse ir além e nas incertezas que aceitamos o desafio.

## FONTES

Núcleo de Documentação Histórico Deusdedit. UFCG/CFP.

Revista Flor de Liz, Cajazeiras, Paraíba. 1926-1931.

**Revista Flor de Liz**, Ano I, Nº 01, Dezembro de 1926. Editoras Graphics Rio do Peixe.

**Revista Flor de Liz**, Ano I, Nº 02, Janeiro de 1927. Editoras Graphics Rio do Peixe.

**Revista Flor de Liz**, Ano I, Nº 04, Março de 1927. Editoras Graphics Rio do Peixe.

**Revista Flor de Liz**, Ano I, Nº 05, Fevereiro de 1927. Editoras Graphics Rio do Peixe.

**Revista Flor de Liz**, Ano I, Nº 05, Abril de 1927. Editoras Graphics Rio do Peixe.

**Revista Flor de Liz**, Ano I, Nº 06, Maio de 1927. Editoras Graphics Rio do Peixe.

**Revista Flor de Liz**, Ano I, Nº 08, Julho de 1927. Editoras Graphics Rio do Peixe.

**Revista Flor de Liz**, Ano I, Nº 09, Agosto de 1927. Editoras Graphics Rio do Peixe.

**Revista Flor de Liz**, Ano I, Nº 12, Novembro de 1927. Editoras Graphics Rio do Peixe.

**Revista Flor de Liz**, Ano IV, Nº 04-06, Abril de 1930. Editoras Graphics Rio do Peixe.

**Revista Flor de Liz**, Ano IV, Nº 07, Junho de 1930. Editoras Graphics Rio do Peixe.

**Revista Flor de Liz**, Ano IV, Nº 10-11, Outubro de 1930. Editoras Graphics Rio do Peixe.

**Revista Flor de Liz**, Ano V, Nº 02, Janeiro de 1931. Editoras Graphics Rio do Peixe.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Danielle Brandão. **Sensibilidades femininas nas astúcias da sedução do corpo: a representação da moda em Campina Grande 1920-1930**. Campina Grande: UFCG, 2011. (Monografia de graduação).

ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega. **Espelho meu, agora a mais bela sou eu: cartografias da História da beleza no Brasil**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008. (Tese de doutorado).

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacifico. **Jornalismo e literatura no século XIX Paraibano: Uma História**. [s/d, p.1-27]. Disponível em: [http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/estudos/Jornalismo\\_e\\_literatura\\_no\\_seculo\\_XIX\\_uma\\_historia.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/estudos/Jornalismo_e_literatura_no_seculo_XIX_uma_historia.pdf) >. Acesso em: 12 maio 2016.

BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1940)**. São Paulo: EDUSP, 1999.

BORGES, Maria Elisa Linhares. **História e Fotografia**. Belo Horizonte: autêntica, 2003.

BURITI, Iranilson. **Leituras do sensível: escritos femininos e sensibilidades médicas no segundo império**. 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CIPRIANO, Maria do Socorro. **A adúltera no território da infidelidade: Paraíba nas décadas de 20 e 30 do século XX**. Universidade Federal de Campina Grande, 2002. (Dissertação de mestrado).

COBEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: LUCA, Tania de; MARTINS, Ana Luiza. (Org.). **História da imprensa no Brasil**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 113-148.

CORBIN, Alain. O prazer do historiador. Entrevista concebida a Laurent Vidal. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.25, n. 49, p.11-31. 2005.

COSTA, Helouise. Da fotografia de Imprensa ao fotojornalismo. In: **Acervo Revista do arquivo nacional**. Rio de Janeiro: arquivo nacional, v.6. n. 01/02, Jan/Dez, 1993.

GOMES, Jorilene Barros da Silva. **A família crista católica**: o movimento Noelista na Paraíba. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2015. (Dissertação de mestrado).

JÚNIOR, Azemar dos Santos Soares. **Corpos hígidos**: o limpo e o sujo na Paraíba 1912-1924. 2. ed. Rio de Janeiro: AMCGuedes, 2016.

LANGUE, Frédérique. Sussurro do tempo: Ensaio sobre uma história cruzada das sensibilidades Brasil-França. In: ERTZOGUE, Marina Haizender; PARENTE, Temis Gomes. (et all) **História e Sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

LIMA, Daiany Gomes de. **A flor do sertão**: analisando as relações de gênero a partir da Revista Flor de Liz, na década de 1920 em Cajazeiras. Cajazeiras: Universidade Federal de Campina Grande, 2013. (Monografia de graduação).

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LOBATO, Mayara Luma Maia. **A trajetória do feminino na imprensa brasileira**: o jornalismo de revista e a mulher do século XX. 9º Encontro Nacional de História da Mídia. UFOP- Ouro Preto- Minas Gérias. Maio-Jun. de 2013.

LOURO, Guacira Lopes. A emergência do gênero. In: **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 28.

LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi et al. **Fontes históricas**. 2.ed. São Paulo: contexto, 2006, p.111-153.

LUCA, Tania de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: LUCA, Tania de; MARTINS, Ana Luiza. (Org.). **História da imprensa no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 149-205.

LUNA, Maria Stella Nunes. **Moda e modo**: uma leitura do moderno através das capas da revista Era Nova (PB,1920). Guarabira, 2012. (Monografia de graduação).

MALUF, Mariana; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil: república da Belle Époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.367-421.

MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. **Signos em confronto: arcaico e o moderno na Princesa (PB) dos anos vinte**. Universidade Federal de Pernambuco, 1999. (Dissertação de Mestrado).

MAUAD, Maria Ana. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. I, n. 2, p.11, 1996.

MAUAD, Ana Maria. **Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX**. Anais do museu Paulista. São Paulo. v.13, n.1, p.133-174, Jan-jun, 2005.

PAIVA, Eduardo França. **História e Imagens**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique. **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PRIORE, Mary Del. **Historias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.

QUINTELA, Hugo Felipe. **A segunda pele: A linguagem das roupas, seus signos e configuração da identidade social através do vestuário**. [s/d]. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/view/1551>>. Acesso em: 12 maio 2016.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista, Brasil 1890-1930**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

SABINO, Raquel do Nascimento. Imprensa feminina: imagens e conteúdos para o feminino nas capas da Revista Querida. **Revista Temas em educação**, João Pessoa, v.24, n. especial, p.177-188, 2015.

SANTANA, Raquel Alexandre de. **A dama do sertão: analisando as relações de gênero a partir da Revista Flor de Liz em Cajazeiras nas décadas de 1920-1930**. Cajazeiras: Universidade Federal de Campina Grande, 2013. (Monografia de graduação).

SANTANA, Rosemere Olimpio de. **Tradição e modernidade**: raptos consentidos na Paraíba (1920-1940). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013. ( Tese de doutorado).

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: Educação e realidade, 1990, p. 01-22.

SILVA, Alômia Abrantes de. **As Escritas Femininas e os Femininos Inscritos**: imagens de mulheres na imprensa parahybana dos anos 20. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000. (Dissertação de mestrado).

SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na cidade da Parahyba, o percurso e as tramas do moderno**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1999. (Tese de doutorado).

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Gênero**: uma palavra para desconstruir sentidos e construir usos políticos. História Unisinos, 2005, p.139-144.